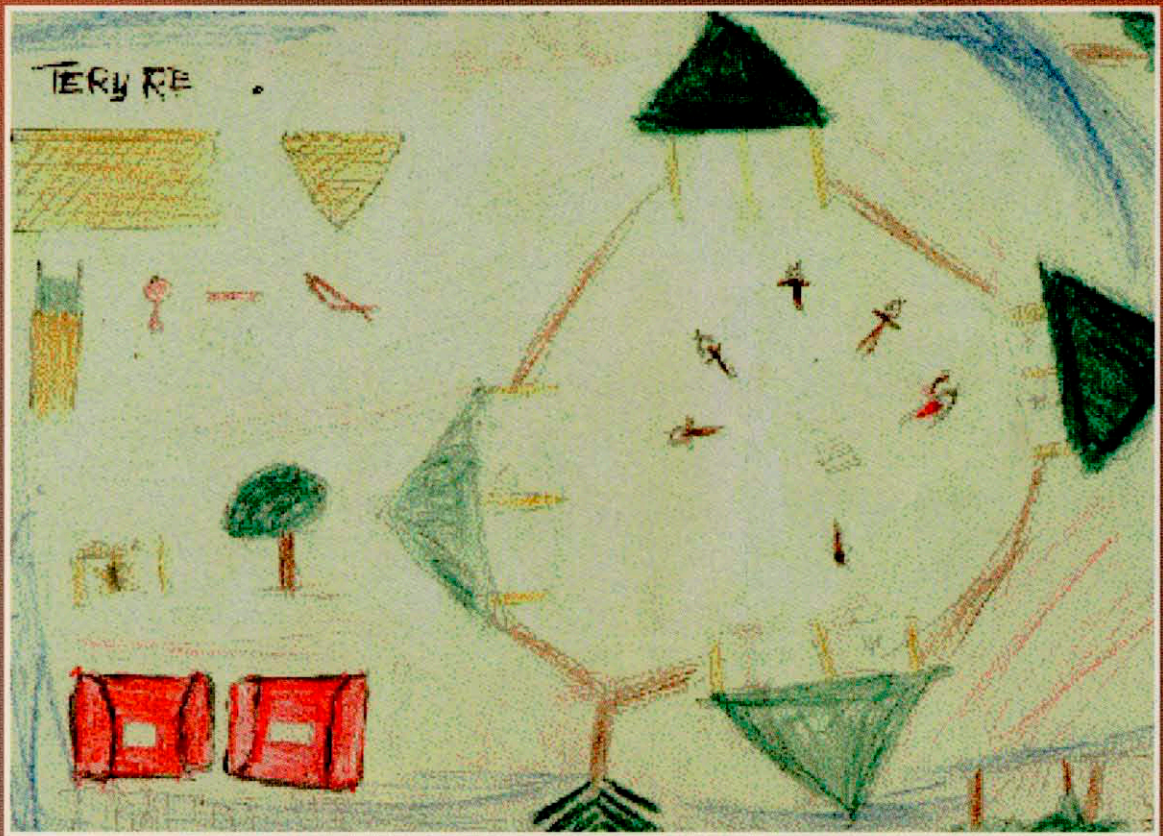




GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Conhecendo nosso povo



Escola Indígena de 1º Grau
Pẽptykre Parkatêjê

Presidente da República
Fernando Henrique Cardoso

Governo do Estado do Pará
Almir José de Oliveira Gabriel

Ministro de Estado de Educação e do Desporto
Paulo Renato Souza

Secretário de Estado de Educação
João de Jesus Paes Loureiro

Secretário Executivo
Luciano Oliva Patrício

Diretora de Ensino
Violeta Refkalefsky Loureiro

Secretária de Educação Fundamental
Iara Glória Areias Prado

Diretora de Ensino do 1º Grau
Ilda Marly Alves Campbell

Diretora do Departamento de Política
da Educação Fundamental
Virgínia Zélia de Azevedo Rebeis Fahra

Coordenadora Geral de Apoio
às Escolas Indígenas
Ivete Maria Barbosa Madeira Campos

Equipe Técnica
Caio Valériode Oliveira, Deuscreide
Gonçalves Pereira e Deusalina Gomez Eirão

Comitê de Educação Escolar Indígena:

Iara Glória Areias Prado - Presidente, Suzana Grillo, Meriel de Abreu Souza, Ruth Maria Fonini Montserrat, Bruna Franchetto, Maria Aracy Lopes da Silva, Luís Donisete Benzi Grupioni, Adair Pimentel Palácio, Marina Kahn, Jussara Gomes Gruber, Daniel Matenhos Cabixi, Domingos Veríssimo, Sebastião Mário Lemos Duarte, Sebastião Cruz, Salvino Canário Pataxó, Argemiro da Silva, Bruno Ferreira.

Publicação financiada pelo MEC - Ministério da Educação e do Desporto, dentro do Programa de Promoção e Divulgação de Materiais Didático-Pedagógicos sobre as Sociedades Indígenas Brasileiras, recomendada pelo Comitê de Educação Escolar Indígena

CONHECENDO NOSSO POVO
COMUNIDADE INDÍGENA PARKATÉJÉ

Este livro foi elaborado no período de 1991 a 1995, durante o Projeto de Educação Parkatéjé, um Convênio Compensatário Vale do Rio Doce (CVRD) Comunidade Indígena Parkatéjé, Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC) e Conselho Nacional do Índio (FUNAI-ADR Marabá). O projeto de livro tem como objetivo apresentar uma obra de referência que informe e estimule o conhecimento sobre a comunidade Parkatéjé, como em outras comunidades indígenas.

BELEM
1997

Presidente do Conselho
Márcio Antônio Cardoso

Governador do Estado do Pará
Almir José de Oliveira Gabriel

Ministro de Estado de Educação e do Desporto
Profa. Renata Souza

Secretário de Estado de Educação
João de Jesus Paes Loureiro

Secretário Executivo
Luciano Oda Patrício

Diretora de Ensino
Violeta Refkalefky Loureiro

Secretaria de Educação Fundamental
Iara Glória Arns Prado

Diretora de Ensino do 1º Grau
Ida Marly Alves Campbell

Diretora do Departamento de Políticas
da Educação Fundamental
Virginia Zélia de Azevedo Rebelo Farias

Coordenadora Geral de Apoio
às Escolas Indígenas
Irene Maria Barbosa Maljeira Campos

Equipe Técnica
Celia Vitorino Oliveira, Dora
Gustavo Pádua, Regina Helena

BIBLIOTECA DO
GRUPO DE EDUCAÇÃO INDÍGENA
IN TOMBO

Comitê de Educação Escolar Indígena

Iara Glória Arns Prado - Presidente, Renata Souza, Ruth Maria Forzi,
Montezuma, Bruno Franchetto, Maria Amélia, Maria José, Dora, Dora,
Pimentel Patrício, Maria Kely, Juliana, Dora, Dora, Dora, Dora,
Veríssimo, Sebastião, Maria Tereza Duarte, Sebastião, Dora, Dora,
Silva, Bruno Ferreira.

Publicação financiada pelo MEC - Ministério de Educação e Desporto - Projeto de
Promoção e Divulgação de Materiais Didático-Pedagógicos - Escolas Indígenas
Brasileiras, coordenada pelo Comitê de Educação Escolar Indígena.

Coordenadora do Núcleo de Educação Indígena
Raimunda Albino Tavares Amquero

Coordenadora do Programa de Educação Indígena
L. Espolinha Maria Souza de Araújo

Diretor de autoria dos textos: Professores Indígenas da Escola Parkatêjê de 1991 a 1995.
Professores Indígenas (autores) do livro: Kaiti, Kaiti (do momento).
Professores da Escola Parkatêjê de 1991 a 1995: André Alves, Edilson da Costa, João Camilo,
Mara Raimunda, João, Maria Tereza Duarte, Sebastião, Dora, Dora, Dora, Dora, Dora, Dora,
aprender a conhecer, a viver, a conviver, a respeitar.

CONHECENDO NOSSO POVO COMUNIDADE INDÍGENA PARKATÊJÊ

Este livro foi elaborado no período de 1991 a 1995, durante o Projeto de Educação Parkatêjê, um Convênio Companhia Vale do Rio Doce (CVRD)/ Comunidade Indígena Parkatêjê/ Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC-PA), com apoio da Fundação Nacional do Índio (FUNAI-ADR Marabá). O projeto de livro foi discutido na comunidade no sentido de construir uma obra de referência que informe e estimule a oralidade, tanto na língua tradicional como em língua portuguesa.

Este livro foi elaborado no período de 1991 a 1995, durante o Projeto de Educação Parkatêjê, um Convênio Companhia Vale do Rio Doce (CVRD)/ Comunidade Indígena Parkatêjê/ Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC-PA), com apoio da Fundação Nacional do Índio (FUNAI-ADR Marabá). O projeto de livro foi discutido na comunidade no sentido de construir uma obra de referência que informe e estimule a oralidade, tanto na língua tradicional como em língua portuguesa.

Este livro foi elaborado no período de 1991 a 1995, durante o Projeto de Educação Parkatêjê, um Convênio Companhia Vale do Rio Doce (CVRD)/ Comunidade Indígena Parkatêjê/ Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC-PA), com apoio da Fundação Nacional do Índio (FUNAI-ADR Marabá). O projeto de livro foi discutido na comunidade no sentido de construir uma obra de referência que informe e estimule a oralidade, tanto na língua tradicional como em língua portuguesa.

Secretaria de Estado de Educação - SEDUC-PA
Rodovia Augusto Montenegro, Km 10 s/n - Jorandi
CEP: 66.200-000
Fone: 242-2331/242-2080
BELÉM
1997

Coordenador da Seção de Educação Escolar Indígena
Raimundo Alberto Tavares Ampuero

Coordenadora do Programa de Educação Parkatêjê
Leopoldina Maria Souza de Araújo

Direitos de autoria dos textos: Professores Índios da Escola Parkatêjê de 1990 a 1997 :
Jamrêkakūmti (Paiaré), Jathiati (Piaré), Jökôrenhūm (In memoriam), Kruwa Katiti (In memoriam);
Professores da Escola Parkatêjê de 1990 a 1995: André Alvarez, Edilene da Costa, João Cunha,
Maria Regina Julião, Moisés David das Neves; Chefe Krôhokrenhūm.

Alunos da Escola Parkatêjê de 1990 a 1995:
Aiomjipôkre, Aiomkinire, Amjire, Ana, Antônio, Akroiarêre, Aritan, Atomti, Aprare, Cláudio,
Claudivaldo, Edivan, Edivaldo, Elizabeth (In memoriam), Estevão, Hãrxare, Ìkurereti, Impoto,
Impokapire, Ivan, Jakukrei, Jãmxêre, Jathiati, Japênkrati, Japênkrare, Jônha, Jôhopo, Jôkatere,
Jökūmti (In memoriam), Jôprýkatire, Jorê, Jorūnti, José Luís, Kahôre, Kajipokre, Kátia, Kôjikjêre,
Kômaytere, Kôxumti, Kreixare, Krôhokre, Kukakrykti, Kuwêxêre, Kukênkyre, Kutapre,
Krikpenti, Kwarahy, Manoel, Nildivaldo, Pakênere, Pankintin, Parkaprêkre, Paulo, Pêmpti, Pêpkrati,
Rãrãkre, Rikpãrti, Ropre, Ruivaldo, Tepre, Tohãr, Tokryre, Xykôre.

Direitos de autoria das fotos: Equipe de professores do período de 1990 a 1995 e Coordenação do Programa

Desenhos da Capa: Frente - Festa do Peixe, Pátio da Aldeia - Teryre Kukukaprêkre;
Costa - Roça de banana - Jökūmti (In memoriam);
Destruição da floresta pelos grileiros - Trabalho coletivo.

Assessoria Antropológica:
Iara Ferraz

Assessoria Etnopedagógica:
Marineusa Gazzetta

Assessoria Lingüística
Leopoldina Maria Souza de Araújo

Assessoria Técnico-Pedagógica
Marina Luíza Souto do Nascimento

Assistente de Produção: Alberto Nakamaru

Conhecendo nosso povo: Comunidade Indígena Parkatêjê. -
Brasília: Ministério de Educação e Desportos; Belém:
Secretaria de Estado de Educação, 1997.

1. Índios Brasileiros - Timbira. 2 Comunidade Indígena
Parkatêjê

CDD 980.41

Secretaria de Estado de Educação - SEDUC -PA
Rodovia Augusto Montenegro, Km 10 s/n - Icoaraci
CEP: 66.820 - 000
Fone: 248-2355/ 248-2204 Fax: 248-2060
Belém - Pará

APRESENTAÇÃO

A educação desenvolvida nas comunidades indígenas deve guiar-se pelo que orienta o conteúdo de toda Educação universal: aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser. E deve contar com instrumentos para isso. Este livro é uma contribuição concreta para alcançar essa meta.

Construído pela Comunidade Indígena Parkatêjê, em conjunto com a equipe docente e a assessoria pedagógica, ao longo de cinco anos, através do Projeto de Educação que implantou uma escola de quinta a oitava série, na sede da aldeia, no km 30 da Rodovia BR 222, entre 1990 e 1994, vem agora à luz em 1997.

A presente publicação incorpora textos mais recentes produzidos após aquele Projeto, completando-o e reforçando sua linha. Dessa maneira, este livro procura evidenciar sua condição de obra de referência, destinado a todos os níveis de escolaridade no ensino fundamental; estimular a oralidade na língua tradicional e na portuguesa, registrando - em coleta fotográfica - a convivência do povo parkatêjê com o mundo kupê; fazer com que tudo possa convergir para a afirmação da identidade indígena. Apresentando, também, textos escritos em língua portuguesa por alunos da escola e a participação de professores que atuaram no projeto, promove-se importante registro de um momento da história parkatêjê.

É um livro e, como tal, um caminho para inteirar-se com o mundo. O mundo de irmãos, que todos esperamos construir.

João de Jesus Paes Loureiro
Secretário de Estado de Educação de Pará

AOS LEITORES

Durante o Projeto de Educação (1990-1994), foi construída esta obra, na Comunidade Indígena Parkatêjê. Circunstâncias do processo fizeram com que só agora o livro fosse concretizado, mais do que nunca exigido pela comunidade, que expressa a necessidade e o desejo de reafirmar-se etnicamente e que procura os instrumentos que apoiem esse movimento.

A estrutura do livro revela, como o fazem as fotos, a situação cultural da comunidade, onde o mundo tradicional e o mundo kupê convivem, assim como a língua portuguesa e o parkatêjê. Vale observar, nos desenhos, o olhar atento dos jovens, para a exuberância e a destruição da natureza, em sua terra.

O livro foi gerado na comunidade e para ela retorna.

Coordenação e Equipe docente

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

1. MÊ JÕ PYKA MÃ.....	07
2. OS MITOS.....	10
2.1 PYT MÊ KAXÊRE.....	11
2.2 HISTÓRIAS DO SOL E DA LUA.....	14
3. CULTURA MATERIAL.....	18
3.1 RÀR.....	19
3.2 AIKREPOTI - (Texto em português).....	25
3.3 AIKREPOTI - (Texto em parkatêjê).....	27
3.4 MAGUARI.....	40
4. FESTAS E BRINCADEIRAS.....	48
4.1 KROWA.....	49
4.2 HÕPRY KRÃ.....	54
4.3 APRÿ KRÃ.....	56
5. MODO DE VIDA.....	63
5.1 UMA ESTADA NO MATO.....	64
5.2 O ACAMPAMENTO MAGUARI.....	65
5.3 A ALIMENTAÇÃO DOS PARKATÊJÊ.....	67
5.4 O QUE SIGNIFICA A TERRA PARA NÓS.....	68
5.5 A IMPORTÂNCIA DA HABITAÇÃO PARA O SER HUMANO.....	70
5.6 POR QUE EU GOSTO DA MINHA ALDEIA.....	71
5.7 O QUE É A MISSÃO.....	72
5.8 A VIDA DA MENINA PARKATÊJÊ.....	73
6. NOSSA LÍNGUA.....	74

LISTA DE FIGURAS

<i>Figuras 1 e 2 - Mapas da terra indígenas Mãe Maria.....</i>	<i>08</i>
<i>Figura 3 - Madeiras para fazer fogo.....</i>	<i>20</i>
<i>Figuras 4 a 8 - Processo para produzir fogo.....</i>	<i>21</i>
<i>Figuras 9 a 11 - Fogo.....</i>	<i>23</i>
<i>Figuras 12 e 13 - Limpeza do terreno para construção da aikrepoti.....</i>	<i>28</i>
<i>Figuras 14 a 18 - Corte da madeira para a construção.....</i>	<i>29</i>
<i>Figuras 19 a 24 - Construção da casa.....</i>	<i>31</i>
<i>Figura 25 - Cobertura da casa com palha.....</i>	<i>34</i>
<i>Figuras 26 e 27 - Finalização da aikrepoti.....</i>	<i>35</i>
<i>Figuras 28 a 33 - Preparação das comidas.....</i>	<i>36</i>
<i>Figura 34 - Crianças dentro da aikrepoti.....</i>	<i>39</i>
<i>Figuras 35 a 48 - Preparação de um cofo com palha de coco.....</i>	<i>41</i>
<i>Figuras 49 a 52 - Corie da tora.....</i>	<i>50</i>
<i>Figuras 53 e 54 - Pintura da tora com urucu.....</i>	<i>52</i>
<i>Figuras 55 e 56 - Corrida da tora.....</i>	<i>53</i>
<i>Figuras 57 a 64 - Confecção da peteca.....</i>	<i>57</i>
<i>Figuras 65 e 66 - Pintura da peteca com urucu.....</i>	<i>61</i>
<i>Figura 67 - Petecas prontas para o jogo.....</i>	<i>62</i>
<i>Figura 68 - Jogo da peteca.....</i>	<i>62</i>

1 MÊ JÕ PYKA MÃ

Itar mẽ jõ krê kuwê, Trinta kãm. Kupê hõpry to a mẽ ipê pyka to kahàhàk. Anẽ nã tremti jõpry a mẽ ipê pyka kwỳ to pãk anẽnã.

Awpãn mẽ imã airom kunĩn nã hã kormã kãm mpopryre pyxit kãm. Tajjyr nã, katire a ma apu kôt aipà. Akrytyti krat, kwỳrtyk jarã nã nõ ita, me jõ pyka pê amtà. Anẽ nã, kài mã Pyti amtà.



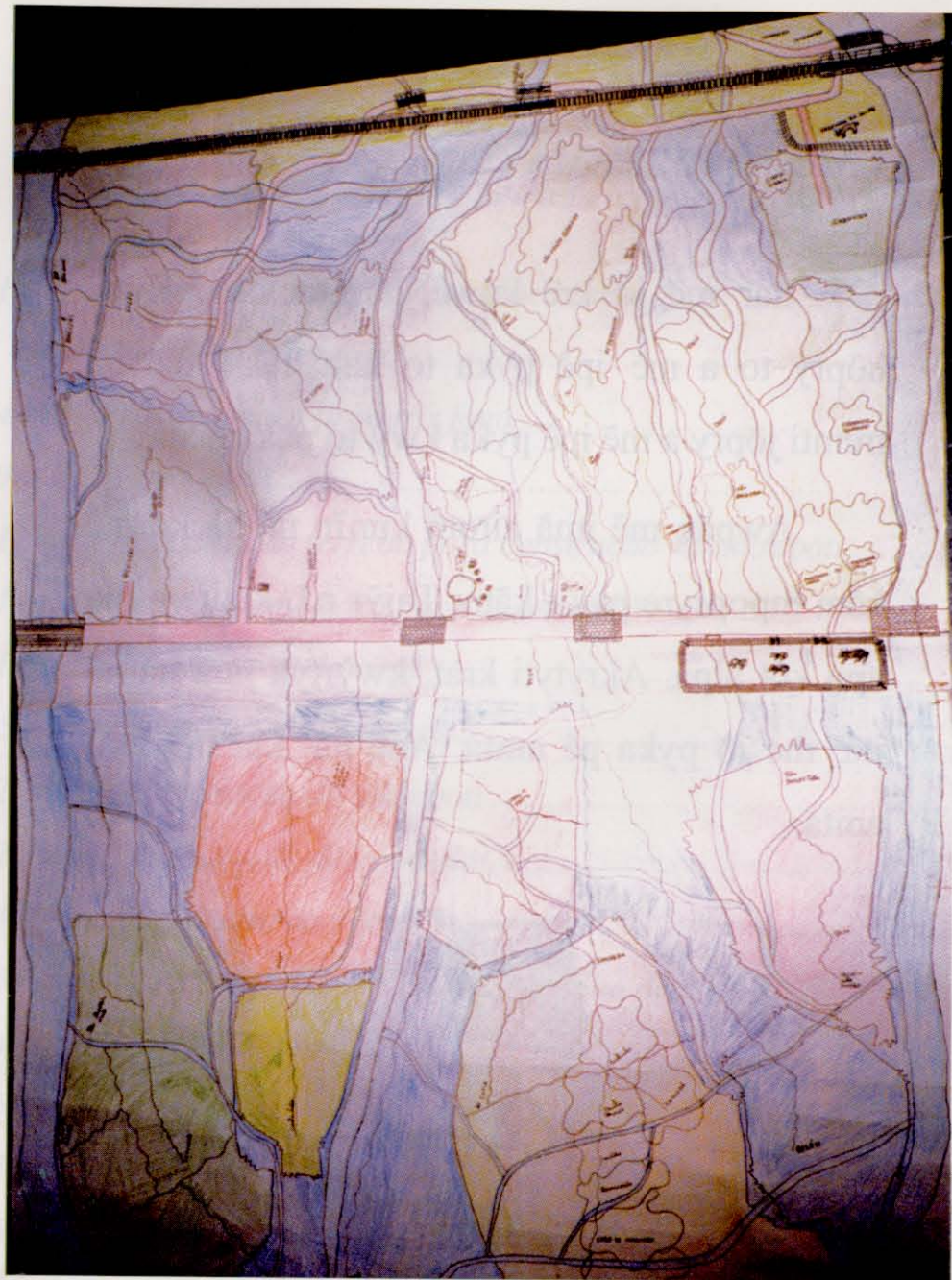


FIG. 1

Mapa da terra indígena Mã - Maria, feito por Ropre, em 1991.

Mapa da Terra Mãe - Maria, destacando as áreas de caça em colorido, as colocações, a estrada da Pa - 70 e a área das caças (observe as muitas trilhas de caça feitas pelos caçadores antigos).

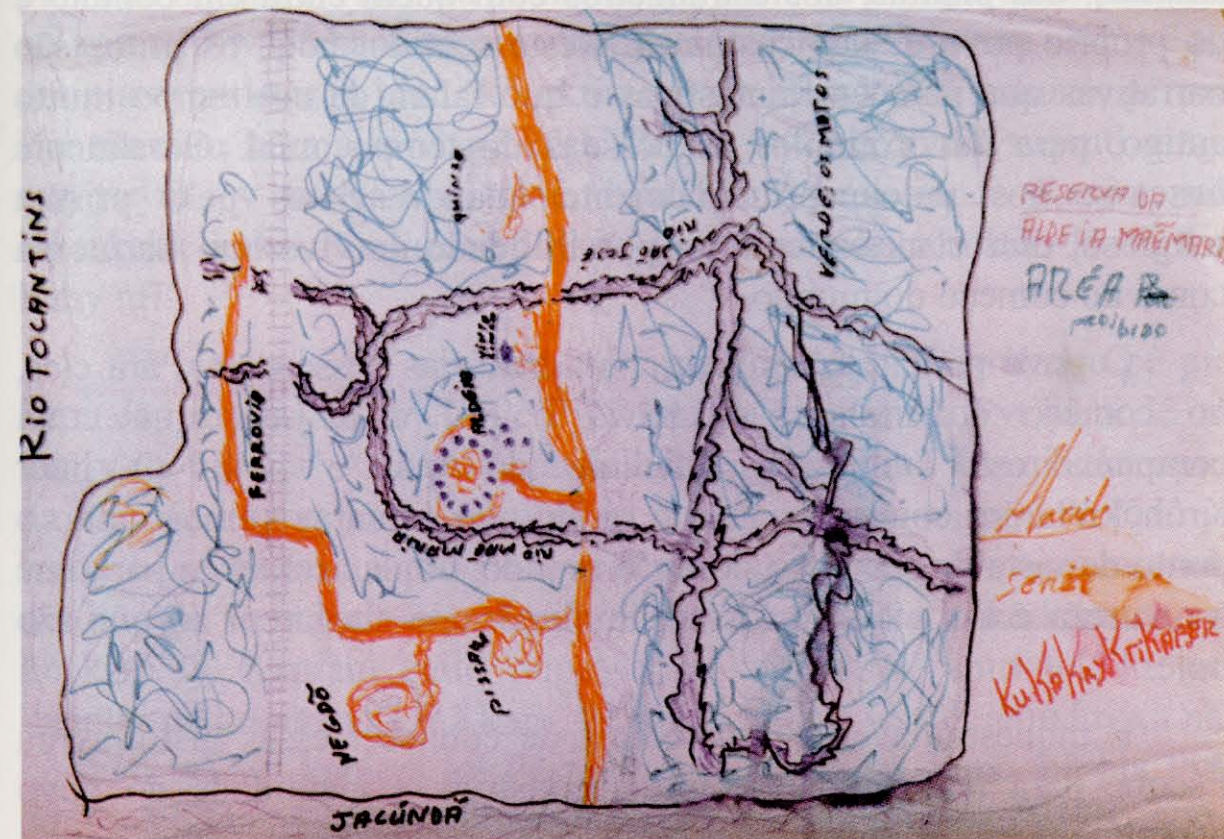


FIG. 2

Pyt Kaxere kãm akryk: Jẽ kãm kapi puro. Ajyã wa kãm jĩ kajõ to pẽre. Aiko apic ha mã Pyt mã anji to, ñy kirẽre to mõ. Jẽ, apu ito mã mã ño rẽ! Pẽ pia Pyt ña mu Kaxere ta kãm akryk, mu mõ te kyi ña prãm te.

Pẽ pia xãji te pã kãm kãm kãm pã pã, py ña kupy, ta pia aikapic kaxwa pã jahyã pã kakrõ apic ahyã jarẽr. Pẽ pia kitare mõi katiti aiku wãr krã mõ. Pẽ pia Kaxere kãm aiku hõpa: Ka kaxy imã hẽi ña ikre. Pẽ pia mõi kãm anji jare: Inware, wa ka kre mõare, ikupa inũare wa ka kãm ato rẽ. Kaxere mã anji jare pẽ pia Kaxere ita

2 OS MITOS

A palavra mito tem vários significados, mas basicamente é uma referência simbólica, para explicar fatos do universo cultural de um povo.

Todo povo procura, por exemplo, explicar o ambiente em que vive. Assim, cada povo conta histórias sobre o começo do mundo: dos animais, das plantas, dos estrangeiros com quem entra em contato e do próprio povo e seus costumes. Neste sentido, pois, os mitos são narrativas que parecem fantásticas e que falam de um tempo muito antigo, para dar exemplos às pessoas do tempo atual. Geralmente busca-se nos mitos, principalmente quando vistos pelo prisma religioso, outros mitos, como a possibilidade de viver em harmonia como no começo do mundo.

O povo parkatêjê também conta histórias desse tipo. Para eles, no começo do mundo, só havia o Sol e a Lua, que eram companheiros. Tudo era diferente do que é hoje. O líder Krôhokrenhũm conta, do mesmo modo que os antigos, mostrando o ponto de vista de seu povo de ver o mundo, o que aconteceu para que a natureza e a sociedade fossem mudando até chegarem ao que são hoje.

É inquestionável a importância de conhecer essas histórias na Escola, para reafirmar e sempre reconstruir a identidade do povo parkatêjê, a fim de enfrentar as lutas da sociedade atual.



Kaxên



pyt

2.1 PYT MÊ KAXÊRE

Hỹ, katyi, pê pia aiku, mam katêjê, ita haiku ita aiku pia mpa jamrêr. Piaxwa nã aikupa mpa jamrêr pe ma ma Pyt mẽ Kaxêre piaxwan aikuture. Ajhĩ wa pê hajka apu hanê nã hi mpa taixô piaxuan ati apu ajhĩ wapê hanê nã piaxwan Pyti ãnkrire, pê pia apu nã hanê pê pia piaxwan kaprãn katiti kô nkrire pê pia aiku kymã kuhuvê; pê pia Pyt tũmtũm kôra ajhi wapê kôra. Pê pia Pyt pia kymã twymti, amji mã twym py ta Kaxêre tekjê, hikràkràre, amji tê te Kaxêre mã hikràkràre kaka. Pia kaxwa to kia, Pyt ri nare ha ma kia: Jê, to kia kuhy mĩ!

Pê pia tokja nã, apu ta nê. Pê pia Kaxêre pê hikràkràre pê pia kapi: Jê, imã twymti kwỳ! Pê Pyt kãm: Ta mã! Pê pia Pyt kãm: Jê, ta ma ry ita mã hõr! Arĩki ma apu to hanê! Pê pia aiku kãm: Kaka apiri na wỳr wa ka, wa ka ha pa pôti. Pê pia apiri hapu na wỳ. Pê pja mu hakre kãm, twym kakroti jaxwy. Pê pia aika apte kakro te mrare nã, mu kô wỳr xa, pê pia kô mã pỳp. Pê pia kaprani katiti kô kãm xa, nã kô kãm ty. Kaprãni katiti pupu, apiri kampa: Jê, apiri tok to, wa kaprãni py ku nã kuka, nã kapi. Pê pia Pyt kãm: Jê, kêt amu kri xa nã, kô pãm ty. Mã kapiere to! Pê pia hõt pê. Ajỳr pê kumê, pê pia Pyti amji mã hõ ta nã, aiku mõ pàr ren to mõ, mu irat to mõn.

Pyt Kaxêre kãm nkryk: Jê, amji kapi puro. Ajỳr wa kãm ji kajõ to pêre. Aiko apte ha mã Pyt mã amji to, hy kirêre to mõ. Jê, apu ito mã nã ito rê! Pê pia Pyt ita mu Kaxêre ta kãm nkryk, mu mõ te kyi nã prãm te.

Pê pia xajti to pàr jahy nã kãm kupe pê nã, py nã kupy, ta pia aikapte kaxwa pàr jahyr. Pê pia kakrõ apte ahyr tarêr. Pê pia kitare mĩti katiti aiku wỳr krã mõ. Pê pia Kaxêre kãm aiku hõpa: Ka kaxy imã hêi nã ikre. Pê pia mĩti kãm amji jare: Ituware, wa ka kre inũare, ikupa inũare wa ka kãm ato rê. Kaxêre mã amji jare pê pia Kaxêre ita

pia ajkapte mīti ita, kupa nã kãm amji kaka: Jakrãre aiko mare, imã hêi inũare, kaka hêi nã ikre jare.

Pia Kaxêre ita apte mīti ta kupa nã katut nã api nã. Mīti aiku amji nã kukia: Ituware, jare ikrã japapa peiti? Kaxêre aiku kãm hêi to mō: Kêti, akrã japapa peiti! Pê pia kýmã hêi to mō, to rê. Apu kãm: Mīti tôre, tôre, akrã japapa atêti, atêti! Pê nkryk nã.

Kaxêre api nã mō Pyt japen to mō, nã wÿr kato. Mīti kãm: Taima ituware ita? Amrĩare. Mãr ma kri hi mutai ma te. Pê aiku kri apu hapê. Pê pia aiku ntête kãm hêi: Mīti tôrê, kakrã japapa têti.

Pê pia Kaxêre Pyt wÿr kato. Pia Pyt apu Kaxêre ma kia: Jê, i mã aikre ja mã wa mu mōn xwa. Ajakry pê pia mō, mōn hikato. Pia kōkōnore amnê apar mã. Pê hōpun wÿr Pyp nã, kupÿn ta apÿn, pri nã kuxin, pri nã hōkra to kyjyre pe, katen kupy nã kupy to hipô pia ajkapte ta awkapi. Inkrekere nã Pyt pia amji mã mpo mã piare. Wa ityjy inkrekere nã apu hamã, amkro mã kuxi. Pê pia ajkakJê, re. Pê pia hatum nã tum nã re, Pê pia kitare Pyt ita kitare amji mã; hatu Pê pia xãm tare me krare. Ita amnê mō. Pê pia kupÿn nã katen; Pê pia mpy hy. Apta amji jakryhi. ry ite to kapi ku! Pê pia mu haprôn to mō, mē ta amji jō Jê, pia Kaxêre hōpu nã pia kãmajkapte hōrên amji jakryre. Pyt kýmã hã aiku kupen tê: Hankrijare wa pa ha putane!

Pia aiku Kaxêre awpare, pê pia tym ri haiku wyr hatorore hi. Pê mu wyr kãmã mō, nã kãm hikato. Pê pia ita amnê hapara mã mō, pê wÿr pyp nã. Kupy nã kate. Pê pia Kaxêre aiko kuxa prãm, nō kahêk prãm. Pê pia kýmã aikapte kupên tê, ajkô kãm: Xy, xãm te wa pa há, kaxy xãm te hanê nã nō kôra. Pê aiku kãm: Wa ityjy akuxã nō to amji kapi. Wa kupja nō ta nê. Jê, mpo nã kotare taha to pe. Pê pia Pyt aiku kãm: Wa xy mē ta ixo mà! Kaxêre aiku awpare inĩre. Pê pia ita amnê mō pê. Pê hôt pê wÿr tē. Pê kãm: Jê, ajko mãr to ha mã nã, wa pê piare rÿ hy amã to hakre. Pê pia mãm ita kate, pê tĩr, Pê pia amkro mã kuxi. Aipên nã, ita aiku kôt mō. Amji mã to kĩn nã. Aiku wÿr tē. Pê pia Pyt kãm: Apu tanê kitare nã. Ate ita to. Pê pia aiku Pyt mã: Jê, wa ka mũ hu aku pia tane. Pia hêi nã kupÿn kyj pê nã kate nã kôra. Pê pia Pyt inkryk nã, hapu kãm akja: Jê, hãnkriare wa xy me tam tà mã! Ikryk nã kaka, pê pe. Pê pia anên nã to pen.

Pia mu mōn ikwy, pia awar aryre nã hô ajê,t. Pê pia amji mã mpo mã piare, wa mpo ita nō kapi mã. Nã pia kupÿn kapi, mōn katon. Pia aikati pê to ikwy, kaxêr mũ pãn hĩn to mōn, hĩn wÿr katon, hĩn pupu, pia mōn kato, nã aiku na wÿ: Jê, i mã mpo ita jakre wa, akupi a kukren, aku pia to ijĩn kaprik. Pê pia kãm aiku kupen tē. Pia kãm: Jê, wa ti kuku! Wa amji kôt kukre. Apiri aikati pe, apiri hĩn pupun. Pê pia ane nã jà pàr kô prire. Apiri aika apu nã wÿ: Jê, wa ku pia to ijĩn kaprikti. Jê, wa ka ku pia ta nê ka kitare to.

Pê pia Pyt kãm: Ma, mũ to mō are xãm te kaka; axã kaha mpo kãhãk nã to. Pia mũ wÿr kãmã mō pê. Pia a ry re nã aiku hô ajê,t. Jê, wa ka pa ha nō tan ma kuhõ. Nã pia ita tan kãm kuhõ; pia hêt kupÿn, kupÿn to pen hipàrkrat nã krã xi. Pê pia Pyt aikapte amji jakry hy, nã kãmã kaka. Pia kãm: Jê, atyi mũ nō kupã. Pê pia ita tan, apkahôhõ nã to pen, krã to hipàr tak. Pê kyj mã pàr prôt nã hapin; pia aku aipenere inõre.

Pia aikapte kýmã nkryk: Jê, xy wa piare aiakre. Pia aikapte kýmã nkryk, nã mōn kato. Pê pja Kaxêre mōn kato pe, ita kãm ha pê, pia tyre pê pia mam tyre pê. Pyt mũ to mōn apta ne nã kãm to hiho nã kukràn, kupÿn mũ to mōn, pàrkrat nã kuxi. Pia ry hy aiakry pê, ihõ tuware kaprekêre aiku. Pê pja aiku kãm: Jê, wa re apa ne nã tyk nã hã ita nê hi. Pê pja hê te aiku (Kaxêre) kãm: Jê, wa ka mu ata ni hi! Pia hêt aiku kãm hanê.

Pia Pyt anê nã ty pê. Pia hêt, Kaxêre apta ne nã kãm to hihon nã, kukràn mũ to mōn pàrkrat nã kuxi. Pe kãm ajÿr kakrô. Pia hêt ma mã, pia nê nã rÿ ajak pia aiku mō, nã pia kãm: Jê, hõ ate ita jÿr to hare, nã kuka are to, kaxy kaha kê mē mpo nã tore. Aiku kãm hanên kre kãmã ixi inũare! Pia hêt kãm: Jê, wa ka mũhu nã to! Mam aiku Pyt kãm: Nã kuka are, ku nã to kê rê, mpa kra tyn hapôj nãhã apy mã. Pà pê xy nã Kaxêre ita kre kãm, Pyt ita xi inũare pã ku. Piaxwa nã mē tyn, me pe rehe; pã ku amũ mē ty nã mpa japôi nãhã. Pyt aikapte mra hã.

Pia Pyt ita ty pê. Kaxêre ita kurêre, Pyt ita tak to. Pê pia te ri nã, kōkore na amji jipêi nã, kre to mō nã kato; pia kato nã apu kãmã kija. Nã mũ apin. Kaxêre pia aiku apte kôt mrare, nã hôt pê mũ kôt api. Hōpu mã Pyt mũ apu kãmã nkryk ta nê. Mã apte hahêr, mũ apu hapan to kukwyr, mã kakrô apte amji to hahêre.

2.2 HISTÓRIAS DO SOL E DA LUA

Sim, katyi, foi assim assim: Os antigos todos - porque é primeiro mais que nós - contavam assim. Me disseram que nós não tínhamos ainda nascido, nosso avô, nossa avó, aí aconteceu. Sol e Lua, era todos dois, começaram a fazer serviço (como sócio). Eles moravam os dois numa casa só, aí começou a aumentar gente. Me disseram que era só eles dois quem aumentava gente. Me disseram que rio era pequeno, não era grotta era só pocinho. Eles moravam nesse igarapezinho. Aí diz que jaboti grande estava no poço, ficava tomando conta. Sol matou capivara, matou dois; Sol ficou com o mais gordo, deu o magro para Lua. Aí Sol chama mandando: Jê, faz fogo!

Aí fizeram fogo, e começaram a trabalhar. Lua não queria provar o magro: Jê, me dá um pedacinho mais gordo! Então Sol falou assim: Espera aí. Sol disse: Fica com esse mesmo que eu já dei! Cala a boca, fica com esse mesmo. Aí ele falou de novo: Fala mais uma vez e tu vais ver, eu vou te queimar! Lua pediu de novo, então Sol pegou e jogou na barriga dele. Jogou gordura quente. Lua gritou, gritou por causa do quente, correu no rumo do rio, aí caiu na água.

Jaboti grande estava no igarapé, tomando conta, pra não deixar a água crescer. Lua viu o jabuti grande e pediu de novo pro Sol: Jê, aumenta mais fogo pra nós dois cozinhar o jaboti e provar. Aí Sol falou: Jê, deixa ficar lá, pra que tu queres isso? Ele está lá pra água não crescer, o que tu queres com ele? Lua teimou, viraram jaboti. Aí o rio começa a correr, derrubando pau, quebrando pau, aumentando. Então Sol gritou pra Lua: Jê, toma! Assim que tu teimas demais! É isso aí que eu falo, tu não me obedeces! Lua gritava pro Sol ajudar ele, mas o Sol nem ligava. Jê, vem buscar, pra me atravessar! Sol não quis nem ligar, foi deixando; era pra não mexer.

Pinica-pau estava picando pau ligeiro e mostrou pra Lua pegar e segurar, pra ele atravessar, mas não deu jeito não. Aí o jacaré-açu apareceu nadando e concordou de atravessar Lua.

A Lua estava com medo: Tu estás me enganando pra me comer. Aí o jacaré falou: Sobrinho, eu não vou te comer não, eu vou te atravessar. Lua diz pro jacaré: Eu vou, mas tu vais me enganar pra me comer.

Kaxêre estava com medo, mas subiu na costa do jacaré. Jacaré perguntou pra Lua: Sobrinho, a minha nuca é bonita? Lua mentindo pra ele: Vovô, teu pescoço é bem feito! Aí foi mentindo e subindo e encostou (chegou na beira). Aí disse: Jacaré, tu me atravessaste, mas teu cabelo é cheio de espinho! Aí danou.

Sol subiu, foi atrás da Lua e encontrou jacaré, que falou: Onde está aquele meu sobrinho? Não está aqui, correu pra lá mesmo, fugiu, não apareceu. Aí Jacaré continuou procurando. Sol mentiu pra ele: Jacaré, tua cabeça é bonita!

Aí Lua voltou pra encontrar o Sol. Então Sol disse pra Lua: Fica tomando conta de casa, eu vou também tomar banho.

À tardezinha ele foi, desceu. Aí ovo está descendo, cabaço vem descendo. Ele viu e caiu n'água, pegou e levou pra beira. Colocou no lugar com muito cuidado, quebrou, ficou olhando. Limpou e pensou: Pra ver o que é isso, eu vou limpar, às vezes que é gente... Botou no sol, estava mexendo. Aí passou um tempo, confiou que era criança. Desceu um. Veio descendo, aí pegou e quebrou. Era homem. Sol estava alegre: Eu já aprendi. Experimentei e consegui! Aí levou todas duas pessoas, colocou as duas crianças no ombro, aí mostrou pra Lua, que ficou muito alegre, mas Pyt não quer contar: Não, deixa comigo, deixa estar.

Sempre Lua teimosa, ela estava doidinha pra ver também. Foi junto com ele, onde ele achou cabaça e chegaram. Aí uma desceu e Sol caiu n'água, pegou e quebrou. Aí Lua queria fazer também, queria experimentar. Mas Sol não deixou: Depois... deixa que eu faço sozinho, senão você mata a criança.

Aí Lua disse pro Sol: Deixa eu experimentar, fazer um. Ela queria fazer também. Eu quero fazer também, tu achas que só tu que fazes tudo! Então Sol disse: Deixa eu aumentar primeiro. Lua, muito teimosa, foi embora, largou.

Toma cuidado, senão você faz uma coisa. Jê, toma cuidado, faz com calma como eu faço, tu já viste que já te ensinei. Então Lua quebrou o primeiro, estava vivo. Aí botou no sol. Então a última vinha descendo. Fizeram. Ela gostou. Então Sol disse: Devagarzinho, faz assim como eu faço. Tu já sabes como eu fiz. Aí ela diz pro Sol: Jê, eu sei que eu faço como tu fazes. Aí foi mentindo, fez com força, bateu com força na pedra e matou. Então Sol zangou e brigou com ele: Jê, era pra tu deixares estar que eu aumentava gente! Ficou zangado e largou de mão. Aí pararam. Aí ele já tinha terminado.

Numa outra vez, foi cagar. Inajá estava baixo, cacho pendurado. Aí Sol pensou: Não sei o que é esta coisa, vou experimentar. Ele pegou, mordeu, só experimentando. Aí chegaram. Quando, de manhã, ele foi cagar, Lua foi lá e viu bosta dele. Aí voltou, chegou, pediu pro Sol: Jê, me mostra aquilo pra eu comer e fazer bosta vermelha. Sol não queria mostrar, aí disse: Jê, é só pra mim. Eu sozinho vou comer! No outro dia, de novo Lua viu bosta (naquele tempo todas as árvores eram baixinhas); de novo, no outro dia, pediu pro Sol: Jê, eu quero fazer bosta vermelha. Jê, eu vou fazer igual como você faz.

Aí Sol disse: Então vamos embora, eu sei que tu vais fazer besteira, fazer uma coisa. Aí foi junto mais ele. Inajá estava baixinho. Jê, eu sozinho vou tirar pra te dar. Ele apanhou um e deu; ele mesmo tirou, botou junto do pé da árvore. Aí Sol ficou alegre! Ele confiou e disse: Jê, tu podes tirar e provar. Aí tirou um, estava chupando e acabou. Com o caroço atirou em uma árvore e todas as árvores levantaram ao mesmo tempo; cada um ligeiro passava as outras. Sol ficou com raiva: Jê, eu estou te explicando, aconselhando! Aí ficou com raiva, saiu e foi embora.

Aí Kaxêr ficou doente, morreu. Ele morreu primeiro. Pyt foi e agasalhou, cortou o cabelo pintou com urucu, foi carregando, deitou junto da árvore. Bem de tardinha Lua vem chegando, com cabelo cortado, pintado. Aí Sol falando pra ele: Jê, se eu morrer, faz o mesmo. Aí ele garantia: Jê, eu vou fazer aquilo mesmo. Ele garantia.

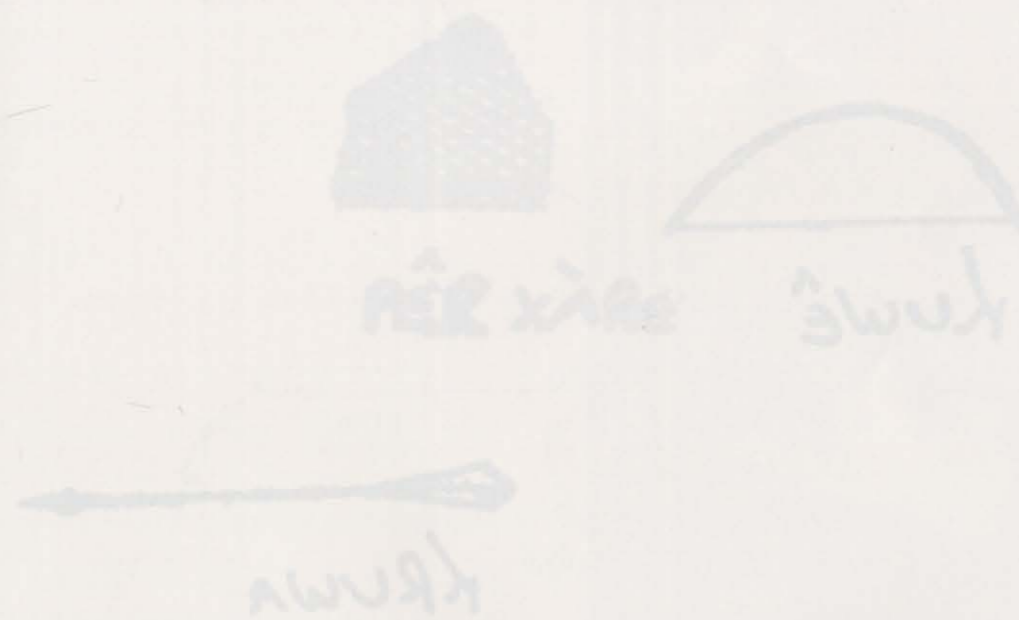
Aí morreu o Sol e também Lua cortou o cabelo dele, pintou e foi botar junto do pau. Sol já tinha explicado. Aí ele deixou e também de tardezinha ele veio de novo, como Kaxêr. Aí disse: Jê, foi bom o que

tu fizeste comigo. Todo tempo tu fazes isso, não vai inventar diferente, não deixa me enterrar não! Aí ele disse: Jê, eu faço assim! Primeiro Sol falou: tu fazes como nós estamos fazendo. Se tu enterras, nossos filhos morrem e não aparecem.

Se não fosse Lua, Sol não morre e até criança volta. Se não nós não morremos, nós não acabamos tão cedo. Nós morremos, nós vivemos de novo. Sol assim mesmo ficou chorando muito.

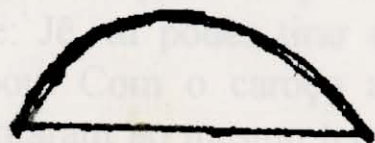
Aí Sol morreu, Lua parece que estava com raiva dele, enterrou. Aí ele viveu dentro, virou calango, veio cavando até chegar. Aí chegou, brigou com ele, aí subiu, subiu... Lua chorou atrás dele, subiu atrás.

Sol nunca encontra com ela, ficou com raiva dela todo o tempo. Ela sempre atrás dele fica andando, sempre. Não encontra. Está com vontade de conversar com ele, mas não pode.

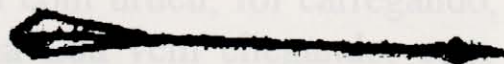


3 CULTURA MATERIAL

Os homens são diferentes dos animais em uma série de aspectos. Um deles é que sabem fabricar utensílios, enfeites, abrigos para morar e muitos outros itens culturais. O artesanato **parkatêjê** é bastante significativo e sua produção está agora sendo bastante valorizada pelo grupo. São **kàhà** (cofo), **kai** (cesta), **kuwê** (arco) e **kruwa** (flecha) e os adornos de penas de arara e de gavião, nunca deixados de ser feitos pelo **Kàipeiti**, trabalhos com linha como o **hahĩ** (tipóia para carregar criança), **kraxê** (adorno para a cabeça) feitos com grande paciência pelas mãos do **Kinaré** e **Kajipôkre**. **Ronore** (Mamãe Grande), que faz perfeitos **tupre** (cintos para a festa da moça). Trabalhos com cabaças, talas e palhas todo o tempo são encontrados pela aldeia, nas casas, na forma de instrumentos musicais - buzinas e maracás - e utensílios domésticos como esteiras, cestos e peneiras, confeccionados por **Hôpryti** (Baixinho) e **Jôkâtàtãire** (João).



KUWÊ

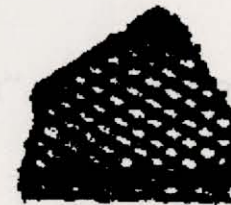


KRUWA

3.1 RÀR

Pê, kêtì Kôjipôkti (Mĩre), pê mēkām̄taihoxà kām, apu to prām nã, mē kwatuwa to kuprô, a mē râr nã hakre. Aika mē nã hakre nã a mē kuitên kapi nã mē kumē.

Mē kuitê to mō re nã, te me mēn; tem kām hōm jaxwÿr, mã nã jêt nã pōk.



PÊR XÀRE



FIG. 3

Madeiras boas para fazer “râr”:

PY PÀR ‘urucu seco’

KUKJÃIRE ‘ingá’

HÔJAKATI ‘cacau’

AKRÔ ‘cipó’

RÀR PEI ‘andiroba’

MPOKUKRÊTI _____

KARÀ JAXY ‘catingueira’



FIG. 4

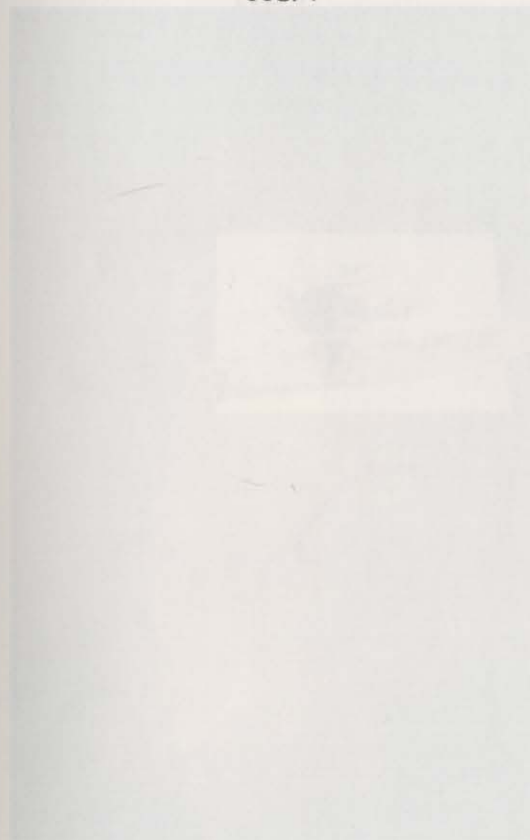


FIG. 5



FIG. 6



FIG. 7



FIG. 8

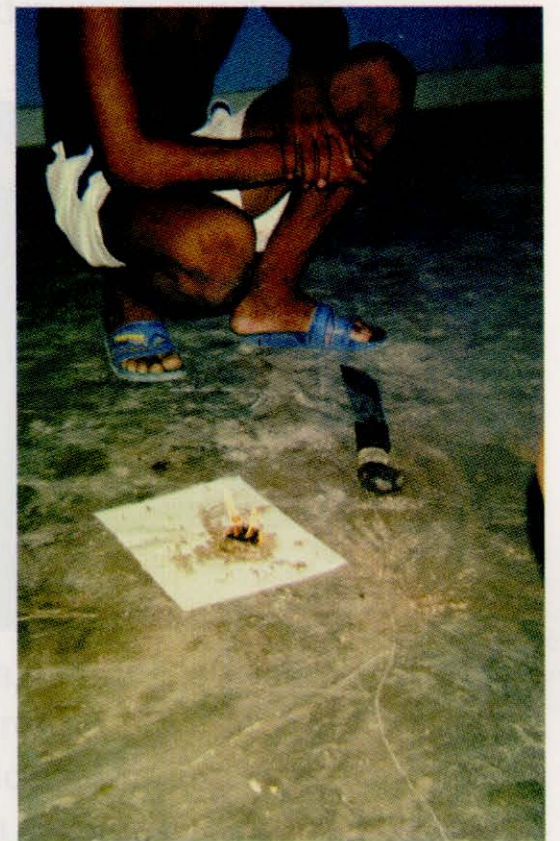


FIG. 9

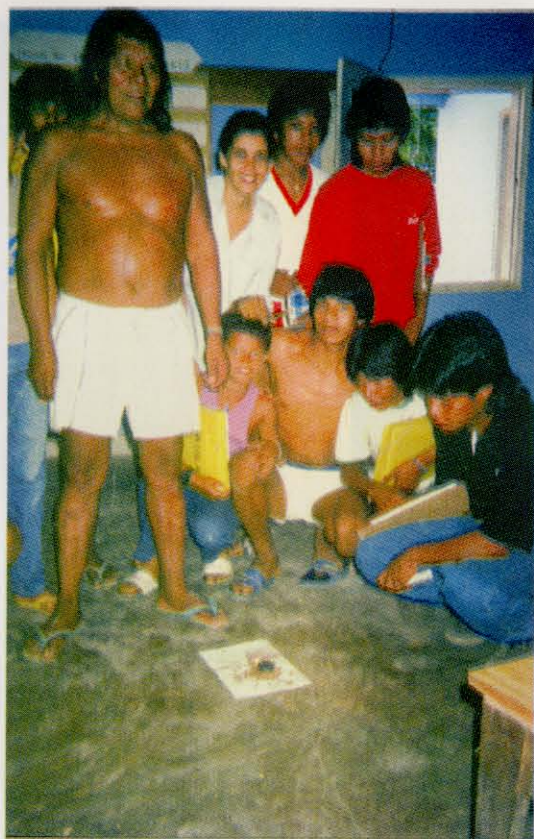


FIG. 10

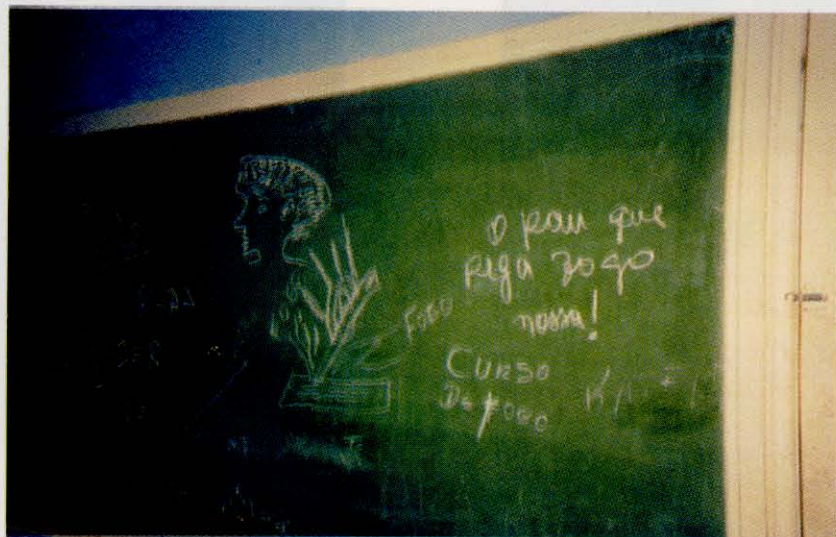


FIG. 11

3.2 A AIKREPOTI

Aikrepoti em **parkatêjê** significa “casa ampla”. Fizemos a **aikrepoti** porque estávamos precisando de uma outra sala de aula, para estudarmos. Antes de construí-la, fizemos uma reunião para saber como poderia ser feita. Chegamos à conclusão de que ela deveria ser construída como as barracas de antigamente.

Para fazermos o trabalho, fomos orientados por **Jōkōrenhũm**, um dos professores de **parkatêjê** - Conselheiro - que dividiu a turma de alunos em grupos: um cuidou de preparar o terreno (localizado atrás da sala que funciona como escola); outro foi ao mato, para procurar e escolher os vegetais que seriam usados na estrutura da barraca. As medidas dessas madeiras eram determinadas através da observação experiente de **Jōkōrenhũm**. O grupo de alunas ficou ajudando na limpeza, antes, durante e depois da construção.

O material usado na construção foi todo retirado das matas da Reserva: **Pàkrere** (quariquari); **Pinpàrpeiti** (); **hawre** (taxi); **krajō** (meju); **pytekjōhypàr** (morototó); **rōtihō** (palha de coco babaçu); **akrō** (cipó); **Kōkōire pàr** (matá-matá); **têrire pàr** (açazeiro); **hōrōti** (embira) e para o piso **kuwati** (barro).

Todo esse trabalho de construção durou dois meses (maio e junho de 1992). Nesse período ocorreram algumas interrupções em função da necessidade da participação dos alunos em algumas atividades que em determinados momentos eram prioritárias para a comunidade, com a produção de arroz, importante para a alimentação de todos nós.

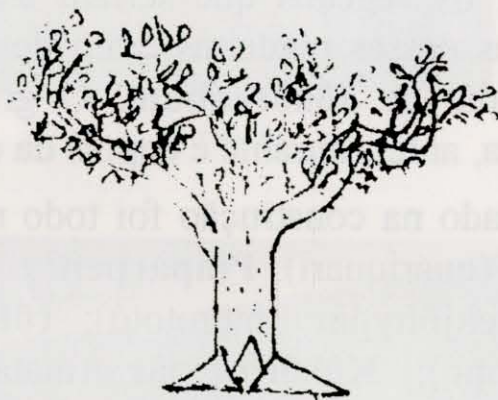
Quando a **aikrepoti** ficou pronta, pensamos fazer uma festa de inauguração. Reunimos os alunos, professores e a comunidade na casa do chefe **Krôhōkrenhũm**. Lá ficou decidido que a festa seria para toda a comunidade com comida de **kupê**: bolo, refrigerante e

churrasco de caça, feito pelos professores e com comida **parkatêjê**, preparada pelas velhas com a ajuda das alunas e das professoras.

Mais uma vez houve a decisão de as pessoas trabalharem em grupos: os homens foram para caçadas de espera por duas noites, as mulheres cuidaram da limpeza e do preparo das caças no moquém e também do **kuputi**.

No verão, como faz calor, a **aikrepoti** tem o ambiente adequado para o estudo, é fria e ventilada; no inverno, é mais adequado estudar na sala de aula do **kupê**, pois a **aikrepoti** fica sujeita a goteiras e lama no piso. Portanto é muito bom ter as duas salas de aulas.

A construção da **aikrepoti** foi muito boa porque serviu para mostrar que estamos convivendo com as coisas do **kupê** e ao mesmo tempo preservando nossos antigos costumes.



PÀRKAPÊTI

3.3 AIKREPOTI

Mãr pê mam mẽ aikrepoti kaxuwa mẽkarê.
Mẽ karê to pen, nã mẽ kaxuwa pàr wỳr to mỗ, a
mẽ to pre; mẽ to pen, mẽ hapỳn, mẽ to
hapôi, mẽ to kà kuxôn, mẽ taipẽn nã, mẽ
kaxuwa to hi tạt, nã, mẽ to kren, mẽ kre kãm
hỗxwỳn, mẽ hà mĩ.

Mẽ kãm to kapa nã, mẽ himỗk nã ita xin.
Mẽ nã hapà. Aitehe a mẽ kaxuwa to rỗtihô pre,
mẽ kokjên, pê aitehe mẽ kaxuwa to hỡrỗti kaxô;
mẽ to katon nã, mẽ mẽ nã hỏ jaxôn, mẽ taikre.

Mẽ aikre to pen, mẽ hỏ nã airen mẽ mpo
kãm to kupu kaxuwa; nã aite aika mẽ mpojĩ
xết kaxuwa aitehe a ma tom.

A mẽ kaxuwa kre nã, mairei nã a mẽ
mpojĩ xết ta pà, kuputi mẽ.



churrasco de caça, feito pelos professores e com comida parkatêjê, preparada pelas velhas com a ajuda das alunas e das professoras.



FIG. 12

Mais uma vez a decisão de as pessoas trabalharem em caçadas de noites, as e do preparo das caças no moquém e



FIG. 13



FIG. 14



FIG. 15



FIG. 16



FIG. 17
30



FIG. 18



FIG. 19



FIG. 20



FIG. 21



FIG. 22



FIG. 23



FIG. 24



FIG. 25



FIG. 26

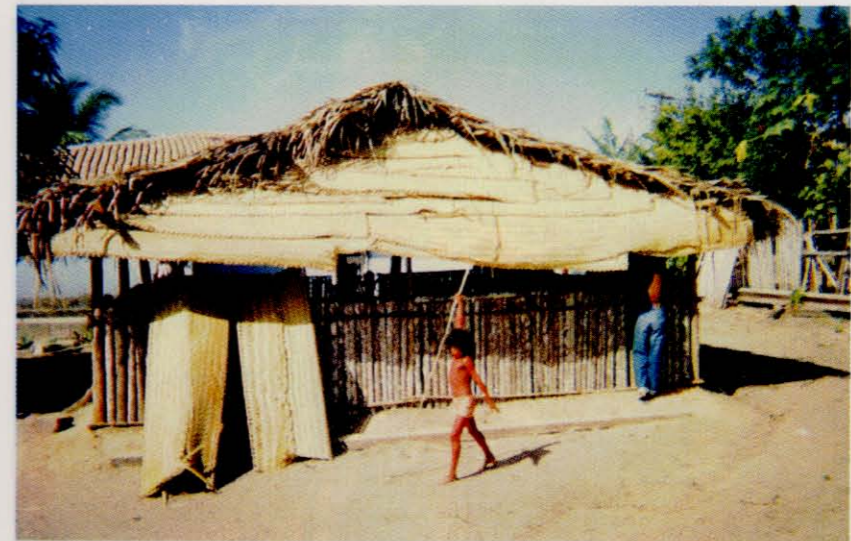


FIG. 27



FIG. 28



FIG. 29



FIG. 30



FIG. 31



FIG. 32



FIG. 33
38

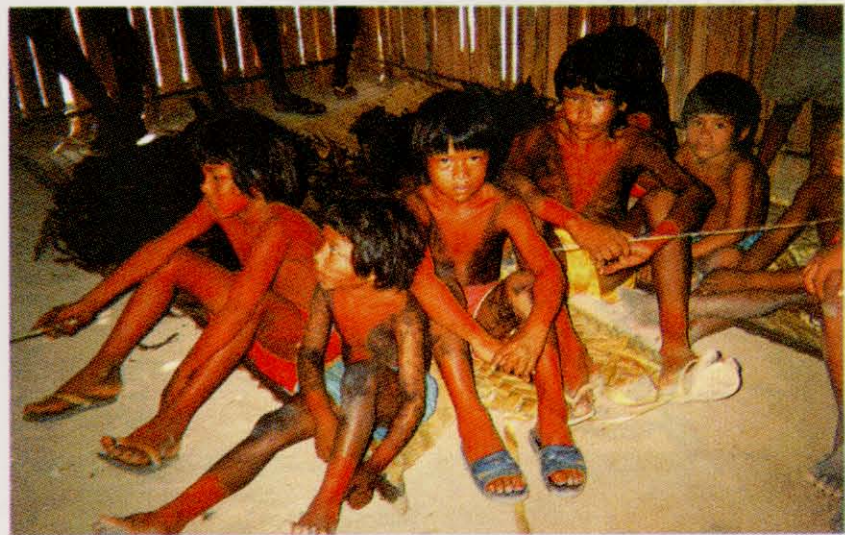


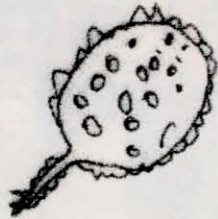
FIG. 34

FIG. 35

3.4 MAGUARI

Pê Maguari kãm, Hôpryti te rōti hô kēkēn, kwỳk nã kuhy. To kator nã, apu kokjên, apu ton krekrer nã, apu hô hen. Te to pen, apu kuhy. Te aipên kãm men nã, jũm hyr mō. Pê to pen, har rôt. Nã te kwỳk to pe.

raia



*jacar
mãra*

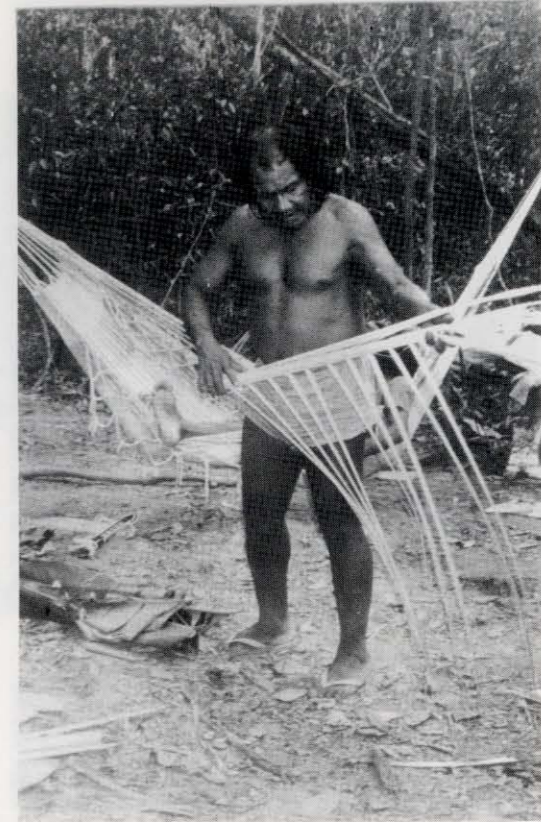


FIG. 35



FIG. 36



FIG. 37

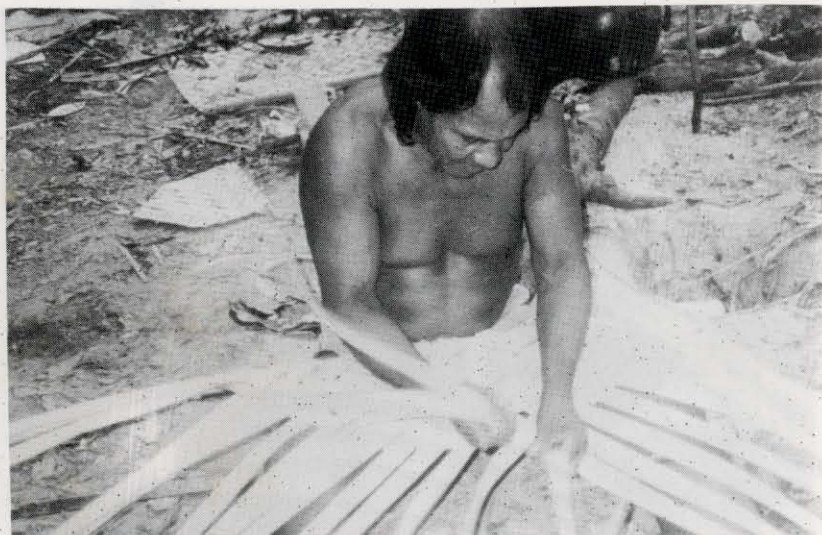


FIG. 38



FIG. 39

FIG. 41

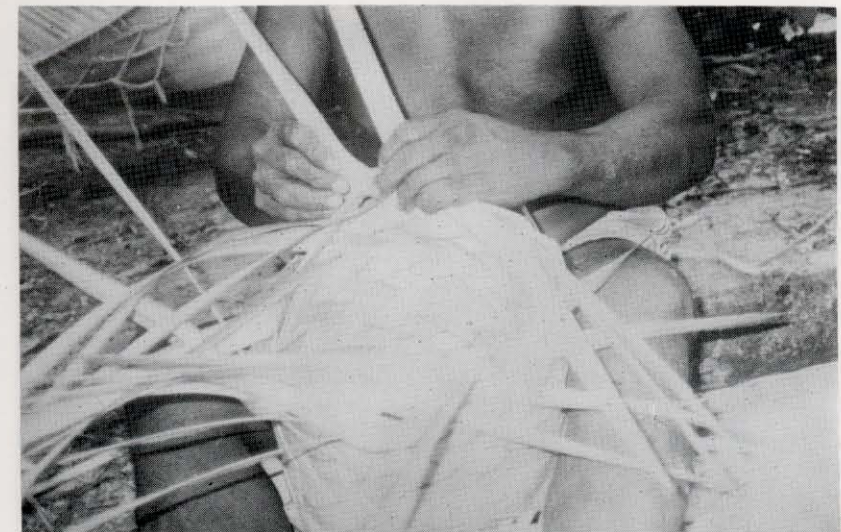


FIG. 40

FIG. 44



FIG. 41

FIG. 47



FIG. 42



FIG. 43



FIG. 44



FIG. 45



FIG. 46



FIG. 47



FIG. 48
47

4 FESTAS E BRINCADEIRAS

Os **parkatêjê** têm, como outros povos, momentos especiais de celebração, representativos temporadas, em que a caça é mais abundante ou a colheita das roças já é propícia, ou mesmo quando decidem comemorar algum evento importante, como o aniversário de alguém.

Fazem isso com festas muitas vezes longas, como as corridas de tora, da festa do **hàk** (gavião) e **pàn** (arara). Nessa festa, que às vezes dura meses, há corridas matinais com os dois principais grupos que constituem a comunidade (Trinta e Maranhão), disputando corrida de revezamento para ver qual deles joga por primeiro a tora no pátio da Aldeia. A seguir os corredores são banhados pelas mulheres de sua família, que trazem água em panelas e baldes. Depois ocorre uma seqüência de cantorias e danças, comandadas pelo líder da aldeia ou por outro cantador.

Dentro da festa, nessa divisão de momentos, podem ocorrer várias brincadeiras em disputas etárias e sexuais: corrida com varinhas, corrida de berarubu, jogo da peteca de palha de milho, brincadeira de matar, **weweja hôkti**, **mějên** entre outras.

Um exemplo de festa curta, mas nem por isso menos animada, é a do **rop krã** (cabeça de onça), que não dura mais do algumas e é feita quando alguém caça uma onça.

4.1 KROWA

Pê Japên prãmti mẽ Nãkôti pê Rop tyk krã hiri, to krowa mẽ, nã to krã kàn, kãm to ihôn, to kapà.

Te to pen, apu ta ipên, nã te har, to kapàn kaxuwa; nã te to ikjê kapàn kaxuwa, apu taipên.

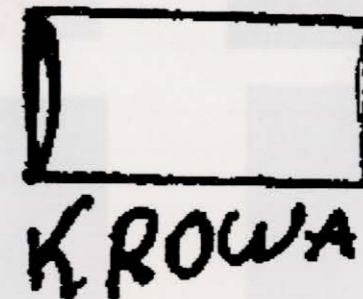




FIG. 49



FIG. 50



FIG. 51

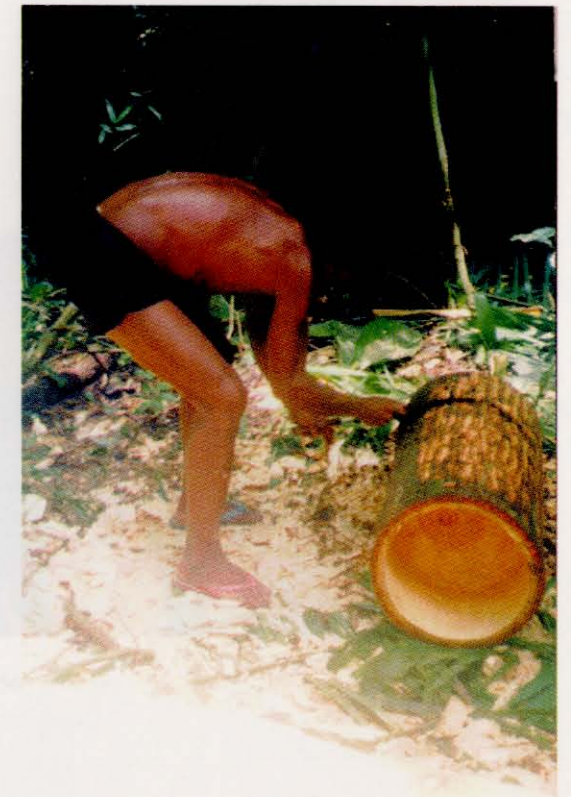


FIG. 52

AL KROWA

Os jogos especiais de
 Krowa são mais
 importantes, como o aniversário de
 Te to pta, que se realiza
 algumas vezes
 com os dois principais grupos que
 (e Maranhão), disputando corrida de
 joga por primeiro a tora no pábó da
 banhados pelas mulheres de sua
 meias e baldes. Depois ocorre uma

sequência de danças, com
 por outro cantador.

Dentro da festa,
 várias brincadeiras em
 varinhas, corrida de berimbau, jogo
 brincadeira do matar, weweja hákai.

Um exemplo de festa curta, mas
 a di'cap kra (cabeça de onça), que
 feita quando alguém caça uma onça.



FIG. 53



FIG. 54



FIG. 55



FIG. 56

4.2 HÔPRY KRĀ

Katyi, wa pa aiku mē han re. Amkrā krat kāmā aiku mē to pur ita karē; mē to pe nā, aiku mē ipy to kurē nā aiku, mē to hīnkrā ja mā, kormā ĩnkrā pa aiku, mē kām hakjē; ĩnkrekrere puro mpokre kaxuwa. Mē to pen, mpokre kaxuwa mē to ta japrīti. Aikumē amkrā kām, krerokre mē, pypyp p̄ar mē, prerkrā mē, kupa mē, kw̄ȳr̄x̄ā mē kūnhāk mē, kūnhākpartī, hō ita jē aikumē ma ma kre. Pōhy mē, kahy mē, p̄ankrytyre hō ita jē to pa aiku, mē ta japrīti. Aiku mē, hikētēre kakrō nā, aitehe aiku, mē to tai, tai jamār kēt.

Pē aiku xōnti kō ntuwa kōt tep tyk ku, kormā p̄yp kē ka kitare kahy ita jō pō. Kunīni hō pō nā mē kaxuwa haratēk paha taipā nā ma mē w̄yr to ipa. Kēka mē p̄iaiō x̄ari, aitehe pōhy katē x̄ari, aite jum kre to mō. Kēka aitehe prekēt kahy katē x̄ari haite jūm kre. Kēka katē inōre x̄ari mē to kahy kre katē japrit. Aiku mē huja mār t̄yire x̄ari aiku mē kāmā hy; pē aiku mē kw̄ȳ pē hy jamrē re pē aika aika apte hō pur kaxuwa hà w̄ȳr̄ȳre to pra.

Pē aiku mē aipēn kaprīre, x̄ari aipē n mā ta pō nā, aipēn kaxuwa kāmā hy pyxitire hōre pē, iku mē hō pur ita kāmā kre. Pē nā, aiku mē to pe nā... aiku maipēn jato.

Anē nā aiku mē kōkti ta kupa inōre t̄yi a mū mē hy! H̄y, katyi, aiku mē kre ita mā kurē nā ma mē hy. Nā t̄yi haika mūmē hap̄an to hy: kapēre, rōjō, kaprān, kukryt... Mē ta ipi pēn to hy.

Kāmā nā to haipēn nā, kormā mamji j̄ax̄ā pē kumē to pōi aipēn mā. Aikumē w̄yr himprar jato. Pē matw̄ȳ kē ka kakōk pō mā tē, nā w̄yr jūm kryt kūmrērēi.

Apē kē ka mā ma w̄yr ax̄ā. Kē ka mē kōt hy nā, matw̄yn mē amprīt. Kē ka aiakry to mō, mē p̄in tē.

Pē kē ka ĩnkrere pō mā tēn kre kēka tēn kām aprā. Kē ka kitare aikapāt kēka kakōk pō mā tē. Krā nā kē ka mamji w̄yr kām ki. Airōn

nā amnē tē imā jō pur jarē, wa jakry. Kē ka aihī wa pē pō mā tē. Kēka mūhūmē kōt aika pō.

Jūmkāre kām: Airōn mē i mā harē ta ri nā, jar̄ȳ tamji jipēi! Kumē amji mā iry to tē!

R̄ȳ tamji jipēi kūmrē, ata j̄yr ka mamji ta nē, kō a mē tarē nā hīkore ri mē na hipōr, pyxit koton krā. Nēmri r̄yte aj̄yr kūmrēi .

Matw̄yn, matw̄yn, matw̄yn, apiri matw̄yn nā pe nā mē krowa na ipēn xō, taipēn kām̄pa nā mē nā jum jipēi. Kēka mūmam w̄yr to mō, nā tok mē kēka mē kaxuwa hà hà tom to hy. Nā kēka to hipēi nā kōkrā kēka mē a kren mē krī kaxuwa hatw̄ykēka jūm mū mām pōhy w̄yr tē, nā nō kw̄in to tē kēka mē hakā nā kaka r̄er puro. Kēka mē hyn, mē k̄a pūnā haixē nā ma tw̄ȳ. Nā jūmā nā hāna mē ju w̄yr mē pōrti ita to, ita ta nē nā hāna aiku mēkunī nā amji tyk kapēne nīre, kē piare jūm aipēn jikjē nā hakare t̄yiyamji tyk pa inīre.

Pyt hap̄ir to mō, kēka w̄yr tē aiku mamkatējē mpo ita nā kē ta aiku, pra na aiku mē ipu nā mpo ita nā, aikumē hōkrat aprorore nā aiku mē nā jy, jy, jy nā, aikumē ipu nā taipi x̄erere to kukw̄yre nā kitare aikumē p̄ar nā kukryn, aika mūmē to pra. Maite mā itar arīki pran kukry nā mūmē to pra. Kēka mē aiku mē pry kuxō nā aikumē nā kahy. Aiku mē kēka anē nā mūhūmē kaxuwa krat nōm peiti taj̄yr puron mē to aj̄yr puro, nā kāmā mē kukrān kaxuwa, ap̄ry krā kukrān mē kāmā kawrā. Nā mē kaxuwa hōxw̄yn kukrān mē kaxuwa haratēk kēka hōxw̄yn hōkre katon pō mā tē, nā tem k̄a pē jyn mūtē, pe kēka mē k̄a mā prōt. Kē piare jūm akriri j̄ymēkunī nā mpo nā. Kēka pe nā ĩkrere pō mā tē. Xy hy ĩkrere mōn kato mā kēka krārēn katē ita krā pyn, amē ipu nā tairō nā to tēn kām hiri kaprēp nā apy nē mā pōm to tē, nā ma ma mē kw̄ymā kō hō. Nā to pen, hap̄an x̄ā nā p̄an tekjē to pra nā awry mā mē kām kurē. Kēka mē hōkra kām kukwa. Kēka aiakry mē kaxuwa to xa, aikumē kīn nīre mē tyk kām. Wa pē aika apte mē kīnīre.



KATY

4.3 APRÛ KRÃ

AprÛ krã kaxuwa, mẽ põhy kē kēn, mẽ pry kurên, mẽ nã aprÛ krã kahy. Kwÿnkaprikre mã to jÿn, ma apu nã haxô. Par jô hi to te huwahin, mã apu nã haxô, nã to pem, tem kukràn.

Jôkijakatire te ri kukrà. Te to pem, a mẽ kaxuwa kre nã, krã katê a mẽ krã to, mẽ pÿn nã tairô nã, mũ to tēn kãm kuxà. Nã apÿnã kupyn, mũ to tēn mẽkãm kumē.

Mã jÿm ita kupyn apu apĩ.



PARTI KRÃ



FIG. 57



FIG. 58



FIG. 59



FIG. 60



FIG. 61



FIG. 62



FIG. 63



FIG. 64



FIG. 65



FIG. 66



FIG. 67



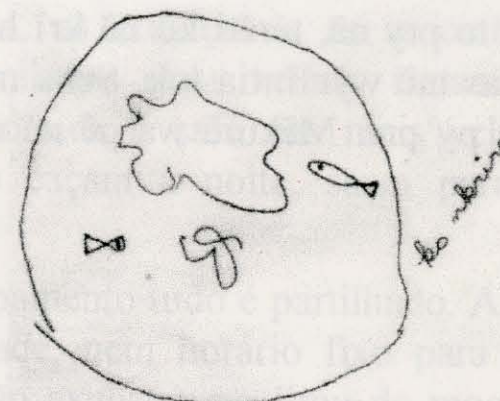
FIG. 68

5 MODO DE VIDA

Todos os povos do mundo vivem em sociedade, no entanto cada povo tem uma organização própria, adaptada ao seu ambiente. Se observarmos as diferentes sociedades humanas, vemos que a alimentação, a moradia, o vestuário, a maneira de ocupar o espaço são diversificadas.

Essas diferenças, parecem profundas, mas, se olharmos com atenção, constataremos que há sempre uma estrutura e regras de organização, no espaço natural e social. Essa adaptação e intervenção do homem na natureza é o que se chama Cultura.

Os parkatêjê, por exemplo, são um povo timbira. Como outros povos jê, eles fazem a aldeia circular e correm tora; como outros povos indígenas do Brasil, eles usam a pintura corporal, feita com urucum e jenipapo, para se enfeitar e para indicar o grupo ritual a que a pessoa pertence.



Em um acampamento, a comida é abundante, não tendo quantidade para se guardar. Todos os animais abatidos são colocados para se comer. Os jabutis, animais abundantes na área, são colocados em um cercado, para serem consumidos na alimentação.

Caçado de proca é o processo de andar ao longo do rio, durante o dia, preparando animais para serem comidos. O caçado de proca é o processo de agarrar, durante à noite, a cabeça do animal, sem deixar que ele vá para o rio.

5.1 UMA ESTADA NO MATO

Aika apu jato. Wa pê apu kumẽ aipẽn tam kjê nã; pê aiku mẽ kwỳ aika mẽ hikõt krà pê, pê mẽ kwỳ kýmã hỹ; aika mẽ hitõt. Mẽ iawwên nã mũmẽ hixy.

Wa pê kitare mũ mẽ ixy kumrêi nã mẽ ixy, pê mũ mẽ ito kwỳ; nã mẽ ipy tê. Wa pê mẽ rê matwỳ nã krihi a mẽ tep hô nã, nã mẽ pry nã aipẽn xôn, mũ mẽ to pry to môn, mẽ kô katẽkti nã kri he.

Nã mẽ pry nã aipẽn xô nã a maipẽn kãmpa, nã amji mã to pry tok, nã aika amnẽ to pryre to ixy, nã amn mẽ Pedit (Santo Expedito, 'colocação' de castanha) nã pry to ikato. Aiku amjĩ kĩn nĩre, nã aika amnẽ mẽ krowa arẽn to ixy, nã hanẽ nã aiku mẽ anẽ nã wakmẽre pãn, aika amnẽ mẽ hĩ mpo, aipẽ mà mpo rẽn to ixy.

Wa pê a ma tom nã, mũ hu kahu ('carro') to kwỳn mam mpo kwỳm py te to kwỳn to kato pê.

Pê apẽwa pê, mũ mẽ ixy nã ma twỳ, wa pê kitare airẽn nã iprõt, nã mẽ kitare mẽ krô kwỳ jipei. Wa pa itehe Matias mẽ kãm to xan, mẽ kõt to jaxy krare korare, pê ta apit mẽ to krô kwỳjipei.

Krihi wa pê mẽ to pry nã, tẽrêti kô nã krĩ hen, pa hà to krowa jitep. Pê apẽ pê Matias mẽ wỳr ãntia tok. Sena mẽ hõpũn xa pia ha hõtoxwa kãmã haxàn pỳ pre. Mẽkurẽ wa pê nẽ mẽ ixy tẽrêti kô nã atwỳ.

5.2 O ACAMPAMENTO MAGUARI

Maguari é uma localidade da Área Indígena Mãe Maria, distante alguns quilômetros do núcleo de morada dos **parkatêjê**, indo em direção norte, às margens do rio Jacundá. Essa localidade é usada para acampar, quando a comunidade organiza grandes períodos de caça, como o que aconteceu no final do mês de outubro ao início de novembro de 1992.

Naquela ocasião, o chefe **Krôhõkrenhũm**, junto com os velhos, para reafirmar e mostrar aos jovens o modo de viver "no tempo do mato", resolveu levar boa parte da comunidade, os alunos e professores, para acampar por quatro dias. Durante esse tempo, a base da alimentação teria que ser conseguida nas caçadas - de procura e espera¹ - nas pescarias e nas coletas dos frutos. A água teria de ser conseguida nos igarapés e grotas de açazal.

O cotidiano em um acampamento começa com o raiar do sol, hora em que as pessoas vão se banhar, para ficarem bem dispostas durante o dia inteiro. É também a hora em que as mulheres começam a "alimentar o fogo" e cuidar das caças abatidas durante a noite.

Durante o dia, as crianças e as mocinhas são ajudantes (e aprendizes) das mulheres mais velhas: tratam de caças, carregam água, distribuem comida e café aos mais velhos. Os homens e a rapaziada que não caçam à noite, saem para fazer a caçada de procura.

Em um acampamento tudo é partilhado. A comida é abundante, não tendo quantidade, nem horário fixo para se comer. Todos os animais abatidos são expostos no jirau do moquẽm, para que todos possam se servir. Os jabutis, animais abundantes na área, são colocados em um cercado, para serem consumidos na alimentação

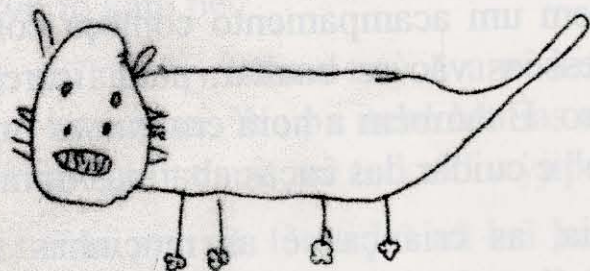
¹ Caçada de procura é o processo de andar no mato, durante o dia, procurando animais para abater, caçada de espera é o processo de aguardar, durante a noite, a chegada do animal, nos locais onde ele vem comer e/ou beber.

diária e o restante ser distribuído para as pessoas que permaneceram na aldeia.

À noite, quase todos dormem em redes sob as árvores, os mais velhos sob esteiras, “no tempo mesmo”, outros em aikreti². Como a temperatura cai bastante a partir das 18:00h, ficando em torno dos 20° (de dia passa dos 30°), as fogueiras têm que ser mantidas acesas durante toda a noite. O fogo também afasta possíveis animais, como onça e gato maracajá.

Durante à noite, também, alguns velhos relembram e contam histórias do tempo antigo. Outras pessoas conversam muito sobre as caçadas e “acontecidos” no mato.

No Maguari todos aprenderam muito com os mais velhos e na vivência do dia-a-dia dia, aproveitando do que a natureza pode oferecer, sem depredação ou desperdício. Tudo isso foi filmado por **Xôntapti**, que fez um vídeo para ser passado no pátio para a comunidade toda ver.



onça
rop

² Aikreti, grande barraca, para alojamento provisório. (v. Texto A aikrepoti).

5.3 A ALIMENTAÇÃO DOS PARKATÊJÊ

Antigamente os **parkatêjê** se alimentavam de caça, pesca e principalmente de frutos. Quando iam para o mato, matavam os bichos, tiravam o couro e cortavam carne com taboca. Depois botavam para secar ao sol, até sair todo o sangue. enquanto a carne secava, o que levava dias, comiam cogumelos, cipó **kupa**, palmito, frutas como cupu, castanha, babaçu, bacuri, piquiá, banana, açaí e bacaba, entre outras e raízes como a batata-doce, macaxeira e diferentes tipos de inhame.

As carnes de caça também eram moqueadas, ou seja, colocadas sobre um jirau, para ir assando só no calor do fogo durante vários dias; o peixe era comido assado - e apenas no verão - pois no tempo da chuva os **parkatêjê** não comiam peixes e outros bichos da água como jacaré e puraquê.

Os **parkatêjê** para comer o açaí e a bacaba cavavam um buraco na beira do igarapé, o buraco criava água, “uma cacimbinha”, forravam a “cacimbinha” com lhas de açaí; colocavam o açaí ou a bacaba dentro, depois colocavam pedras quentes tiradas do **kia** em cima, para esquentar a água, fazendo amolecer os frutos; após isso tiravam da “cacimbinha” e colocavam em um “croatá” de inajá, onde seria amassado. Para comer só faziam melar a mão e ficavam chupando com bagaço e tudo.

Os **parkatêjê** faziam também uma comida com massa de mandioca misturada a pedaços de carne de caça, enrolada em folhas, amarradas com envira. Essa comida era cozinhada sob pedras pré-aquecidas, coberta com esteira e terra.

Nos dias de hoje, os **parkatêjê** que estão aqui na aldeia **Kupê-jipôkti** utilizam fogão a gás, panelas, pratos... Comem feijão, arroz e bebem refrigerantes, mas não deixaram de comer as comidas típicas.

5.4 O QUE SIGNIFICA A TERRA PARA NÓS

A terra significa para nós uma mãe, ela nos fornece de tudo que precisamos: oxigênio, alimentos, uma riqueza imensa...

O homem tem inteligência e com essa inteligência é capaz de criar, produzir seus alimentos e construir sua própria moradia. Mas também usa essa inteligência para destruí-la pouco a pouco, desrespeitando a natureza, cometendo crimes ecológicos como: desmatamento, poluição da água e do ar e exploração inadequada das terras e dos minerais.

O homem não pensa que sem oxigênio, sem água e sem terra é impossível viver; que mexendo inadequadamente na terra, com o passar do tempo, ela vai se estragando. Devia pensar também que há um meio de evitar essa destruição, através do reflorestamento.

Sabemos que houve uma época em que o homem passava a maior parte do seu tempo andando pela Terra à procura de comida, pois não tinha lugar fixo para produzir seus alimentos, ou seja, começou a praticar a agricultura. Com isso nasceu a necessidade de marcar espaços para que outros não os invadissem. Surgiu então a propriedade privada.

Nós, **parkatêjê**, atualmente temos uma propriedade que é nossa Reserva - Reserva Indígena Mãe Maria. Desta reserva tiramos parte de nossa alimentação como: a caça, a pesca, a coleta de frutos, as roças coletivas, que produzem alimentos para nossa comunidade e as roças individuais.

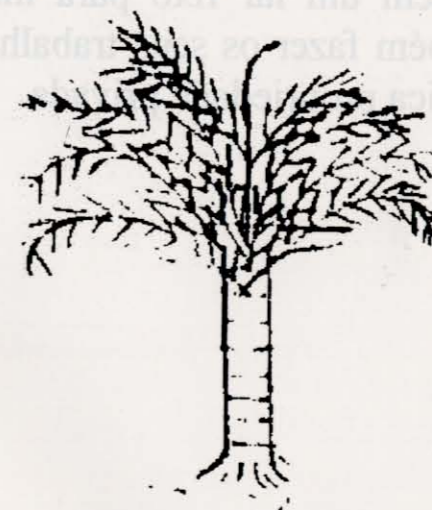
Dentro da Reserva está um pedaço muito importante para nós - a aldeia indígena **parkatêjê**. Neste espaço podemos manter nossas tradições com tranquilidade, sem risco de vida e sem a influência do **kupê**. Mantemos uma forma de vida diferente, porque temos corrida de tora, o jogo de flechas, as festas do peixe, arraia e lontra, a do **pēpti**

(iniciação dos jovens), a do milho, do **hàk** e **pàn** (gavião e arara) e outras.

Também temos as nossas comidas preferidas como o **kuputi** - espécie de bolo de massa de mandioca misturada a carne da caça, que é embrulhada com folha de guarumã e enterrado sob pedras quentes até que fique assado.

Sabemos que somos privilegiados, porque ainda conseguimos ter esse modo de vida diferente. Mas sabemos também da responsabilidade que precisamos ter para conservar tudo isso, pois são os velhos que estão deixando para nós essa herança. Também temos que respeitar a natureza, não destruindo a floresta.

Nós, alunos, sabemos ainda que para a manutenção do nosso modo de vida diferente é preciso que falemos a língua - **jarkwa parkatêjê** - pois ela é que mantém a nossa união e a nossa força como **Parkatêjê**. Do contrário poderá acontecer como com outros povos indígenas, que perderam suas terras e esqueceram sua história.



RÕTI PÀR

5.5 A IMPORTÂNCIA DA HABITAÇÃO PARA O SER HUMANO

Antigamente os seres humanos não tinham lugar fixo para morar, ficavam dentro de algumas cavernas para se proteger de perigo. Com o passar do tempo os homens foram desenvolvendo os seus conhecimentos.

Depois de terem andado há tanto tempo, pararam e pensaram como é que eles iriam fazer: se andavam mais ou ficavam ali mesmo, então conseguiram se fixar em um lugar. Lá passaram a plantar, a ter plantações de arroz, feijão, milho etc. Eles já passaram a ter sua própria moradia, a ter sua própria terra. Trabalhando como sempre, passaram a desenvolver os seus conhecimentos, plantavam e colhiam sua própria alimentação. Também guardavam alimentos para épocas ruins.

Mas tempo se passou, o homem adquiriu mais conhecimentos e experiências. Isso tudo mudou o significado da moradia. Hoje a moradia é para o homem um lar fixo para morar, construir a sua família, ter filhos, também fazer os seus trabalhos para sustentar sua família. Também significa propriedade privada.

5.6 PORQUE EU GOSTO DA MINHA ALDEIA

Eu gosto da minha aldeia porque é minha tribo. Ela é muito espaçosa e por isso podemos fazer muita brincadeira, tem espaço para caçar e igarapé para pescar. Na aldeia moram os meus parentes.

Eu sou índio, por isso também eu gosto da aldeia. Ela é muito importante para mim.

Eu não saio da aldeia porque ela é minha casa. Devemos ter cuidado com ela e respeitá-la porque ela é a terra em que nascemos e estamos nos criando.

5.7 O QUE É A MISSÃO

Missão é uma viagem de obrigação para cumprir nosso trabalho. Nós vamos para a Missão porque somos guardas indígenas da nossas Reserva, temos que defendê-la dos invasores.

Nosso grupo contém treze pessoas que são: Bira, Matias, **Aianã**, Luís, Domingos, Riba, Ivan, Julião, **Pekryti**, **Kuwêrê**, Carlito, Toninho e Josimar.

A importância da Missão para a comunidade **Parkatêjê** é grande, porque antigamente nós só acompanhávamos os agentes da Polícia Federal, que vinham de Marabá para tirar os invasores, mas não faziam o serviço direito. Eles só andavam uns 5 km e voltavam para o acampamento, mas a Comunidade tinha que pagar diárias para eles. Hoje, para não acontecer mais isso, nós fazemos nosso serviço, pegamos os invasores e entregamos à Polícia em Marabá.

5.8 A VIDA DA MENINA PARKATÊJÊ

Quando nasce a primeira filha mulherzinha, a vovó mãe do pai bota nome, que é uma qualidade pessoal dela. A criança vai crescendo e mamando e recebendo alimento. A vovó toma conta dela e a mamãe faz berarubu para pagá-la.

Assim que a criança arrasta, já vai comendo diferentes alimentos. Antigamente comia batata, cará, carne; hoje a criança come arroz, farinha, carne.

Antigamente, criança nova não podia comer carne pegada no osso, porque mais tarde pau poderia furar seu pé, na hora da corrida. Hoje, o único osso que pode roer é o de galinha.

Quando tem três anos, a menina já carrega bacia na cabeça, quando a mãe vai lavar roupa ou louça; com seis anos ela já lava sozinha roupa e louça.

Antigamente, quando a menina tinha dez ou onze anos, o noivo escolhido pelos pais já começava a caçar para o pai dela e ela começava a fazer berarubu para a mãe dele. Hoje este costume está mudando um pouco, para casar, as jovens não esperam os pais escolherem o marido.

Texto de Jôhopo e Ronõre, coletado por Irizan Silva.

6 NOSSA LÍNGUA

A língua falada na comunidade parkatêjê é timbira, da família jê. Ela é bem semelhante à língua de outros povos indígenas que vivem nos Estados do Maranhão e do Tocantins, como os Canela, os Krĩkati e os Krahó.

Durante séculos, nossos antepassados falavam sua língua, mas, do mesmo modo que muitos povos no mundo, não sentiam necessidade de escrevê-la. Hoje é útil dispôr de uma escrita para nossa língua, pois assim podemos compartilhar com as crianças que vão nascendo as histórias que os mais velhos contavam e podemos, também, escrever o que estamos vendo hoje e compartilhar com os outros povos que falam uma língua que é parente da nossa.

A nossa língua, como todas as línguas do mundo, utiliza sons feitos com o ar que sai dos pulmões e é modificado dentro da boca, até sair e chegar nos ouvidos das pessoas que estão à nossa volta. Esses sons são de dois tipos: vogais e consoantes; para escrevê-los nós usamos letras que também se chamam assim: vogais e consoantes. Como os sons vocálicos são muitos em nossa língua, além das letras vamos usar uns sinais (diacríticos), para ajudar a fazer a diferença entre os vários sons que utilizamos.

Cada língua tem ritmo e melodia próprios. Quando usamos uma língua, é preciso pronunciar bem os sons e dar a entonação certa, para expressar cada assunto de que falamos. O ritmo e a melodia não são bem representados pela escrita, por isso é importante ouvir os mais velhos falando, para aprender a maneira bonita de falar nossa língua.

O alfabeto parkatêjê

Ao conjunto de símbolos usados para escrever uma língua chamamos ALFABETO; ao conjunto de regras de uso das letras e dos diacríticos, chamamos ORTOGRAFIA.

O ALFABETO do parkatêjê é: A E H I J K M N O P R T U W X Y

Os DIACRÍTICOS usados no parkatêjê são: ^ (acento circunflexo);
' (acento grave);
~ (til)

As regras de uso são bem simples. No geral, é usada sempre a mesma letra para representar um som; só há um caso em que um som pode ser escrito com letras diferentes e um caso em que a mesma letra representa dois sons diferentes. Vamos aprender logo esses dois casos especiais:

- O som [i] no geral é representado pela letra i (minúscula) I (maiúscula); quando, porém, ele vem seguido de uma outra vogal, ele é representado pela letra j (minúscula) J (maiúscula).
EXEMPLOS: ropti; itu; jôjôtôti; Jünüre
- A letra h (minúscula) H (maiúscula) representa tanto o som [h] como o som [ʔ].
EXEMPLOS: hàk; ãhãre.

Daqui por diante é mais simples. Vamos mostrar cada letra, com exemplos de palavras em que elas aparecem, mostrando também os diferentes tipos de sílabas. Começaremos com as vogais, que são usadas com e sem diacríticos, depois passaremos às consoantes.

Utilizaremos em nossa ortografia algumas regras da língua portuguesa: nomes comuns são escritos com letra minúscula; nomes próprios - de pessoas, aldeias, por exemplo - são escritos com letra maiúscula. Também usaremos letra maiúscula ao iniciar uma frase e depois de ponto simples (.), ponto de interrogação (?) e ponto de exclamação (!).

VOGAIS

Letra a - A

Sílaba Vogal	livre			presa		
	V	CV	CCV	VC	CVC	CCVC
a	a	ta	kra	arkwa	ipar/ kôran	ikrat
ã	ãhãre	aipã	krã	ãh	ton pã	prãmti
à		pà		hàk/pàn		

Ate he kra krêr. 'Você sozinho comeu paca'

Wa iprãr 'Eu sobreí'

Kuhy prã nĩre 'Fogo está forte'

Letra e - E

Sílaba Vogal	livre			presa		
	V	CV	CCV	VC	CVC	CCVC
e		pe	pre		kênpeire	prerpa
ẽ		kahêhêk	krê		kên/têk	krêr
ê	kêere	kêti	krêire		kênpeire	

Wa ite tuprexã nã ton. 'Eu fiz cinto pra cintura.'

Ite rôti krir krêr. 'Eu comi lagarta do coco'

I ma hêi inũare! 'Não mente pra mim!'

Letra i - I

Sílaba Vogal	livre			presa		
	V	CV	CCV	VC	CVC	CCVC
i	ih	kêti	krihi	ihpa	hãpir	krir
ĩ		hĩ / pĩ	krĩ	ĩmpa		hĩn/pĩr

Mũ axi! 'Deixa lá!'

Tôn te krir krêr. 'Tatu comeu cupim.'

Ite kuhy pĩr. 'Eu apaguei fogo.'

Letra u - U

Sílaba Vogal	livre			presa		
	V	CV	CCV	VC	CVC	CCVC
u		pupun	kruwa		axun/pur	
ũ					kũm	

Mũ pôrti wÿr kwÿn hu. 'Vai pro jenipapeiro derrubar (fruta)'

A mã akru. 'Estão brincando.'

Kapia te i pupun? 'Tu me viste?'

Letra o - O

Sílaba Vogal	livre			presa		
	V	CV	CCV	VC	CVC	CCVC
o		po	pro		kormã	kror
õ	õkra	hõpu	iprõ	õmjĩre	mõr	prõt
ô		kô hôpiiare	krô		tôn	krôkrôkti

Wa pê mẽ to aikrepoti xa. 'Nós fizemos a aikrepoti.'

Pro kãm ri rop nõ. 'Cachorro está deitado na cinza.'

Iprõ kĩn nĩre. 'Minha mulher é bonita.'

Letra y - Y

Sílaba Vogal	livre			presa		
	V	CV	CCV	VC	CVC	CCVC
y		hy	pry		hyhyk/ pyr	
ÿ		hÿ / jÿ		hÿr		
ÿ		pÿ / rÿ	apry krã		pÿp / pÿn	ikryt

Wa mũ mpohy nã to mpo kuran. 'Vou matar bicho na fruta.'

Kri jÿ! 'Senta lá!'

Pry kairere nĩre. 'O caminho é bem reto.'

SEMI-VOGAIS

Semi-Vogal	Sílaba	começo	final	
			- C	- ##
w		wewere	krawkrawre	
j/i		jôjôtôti	kênpeire	kroi/ kwÿi
h		hãk		

Wewere apra irõ. 'Borboleta está voando'

Wewere a mũ tẽn ahui nã amñê tẽ. 'Borboleta deu a volta e está retornando.'

Kruwa kryjyre. 'Flecha pequena.'

CONSOANTES

Oclusivas

Consoante	Sílabas	começo		final	
				- C	- ##
p		pur		ropti	rop/tep
t		têre			tetet
x		xa			
k		kêre		kaprikti/ kamôkti	kahêk/ ikuk
h		âhâre		ihpa/ hahkre	

Têre apu tep kôt xwa. 'Lontra está banhando atrás dos peixes.'

Jât xa nôr krire. 'Tem muita batata espalhada.'

Kêre ipoti kãm nõ pyxitire. 'Tem muito cascudo na lagoa.'

Edilene mã âhâre xàn nîre. 'Edilene gosta de galinha.'

Vibrante

Consoante	Sílabas	começo		final	
				- C	- ##
r		rôr		parkatêjê	pur

Kukênêre te rôti xàn nîre. 'Cutia gosta de coco.'

Mamkatêjê aikumê ràr to kuhy nã. 'Os antepassados faziam fogo com ràr.'

Parkatêjê te airên prãm nîre. 'Os parkatêjê gostam de ir no mato.'

Grupos com r j/i w.

Consoante	Sílabas	r	j/i	w
		p	pra, pro, pre	ipjên, ahôknâpjêre, pjê(r)
t				twyn
x				ixwÿi/ixwa/xwÿk
k	kre, kra, kroi	ikjê		kwyr
m	mra			

Ka apu i pjê. 'Tu me arrastaste.'

Twynyre ipoti kãm krîti. 'Tem muito búzio no lago.'

Mpo nã xwÿk kuku? 'O que o sabiá come?'

Wa mũ môn apu to kwÿkhy kaxô. 'Eu fui tirar tala de inajã.'

A mẽ katyi kapi mã, apu mra. 'Falaram mal da katyi, ela chorou.'

NASAIS

Nasal	Sílabas	começo	final	
			- C	- ##
m		mũ tẽ / muwa	tũmti/ tũmre mamkatêjê	twym
n		nõ kãm mũ nõn hõr	kênpeire	axun/ twyn

Itar muwa jamrêre. (kamôkti kãm) 'Aqui não tem abelha.' (nesse cupim)

Hahkrekatê Iracema ry tũmre. 'Professora Iracema já está velha.'

Jũm nare kênpeire? 'Quem é preguiçoso?'

TE PE

Produção dos textos:

A AIKREPOTI Texto coletivo de professores e alunos, produzido após a construção da aikrepoti/1992;
 O ACAMPAMENTO MAGUARI Texto produzido pelas professoras Regina Julião (História) Edilene Costa (Português), a partir de observações e informações colhidas durante a estada no acampamento/1993;
 A ALIMENTAÇÃO DOS PARKATÊJÊ Texto elaborado pelos professores, a partir das redações de Piare, Jôprykati, Ruivaldo, Ana Maria, Kiné, Atomti, feitas entre abril e maio de 1993;
 PORQUE EU GOSTO DA MINHA ALDEIA Texto produzido por alunos de 5ª/6ª séries;
 O QUE É UMA MISSÃO Texto produzido por aluno da 5ª série;
 A IMPORTÂNCIA DA HABITAÇÃO PARA O SER HUMANO Texto produzido por aluno da 7ª série;
 A IMPORTÂNCIA DA HABITAÇÃO PARA O SER HUMANO Texto produzido por aluno da 8ª série;
 O QUE SIGNIFICA A TERRA PARA NÓS Texto produzido com base nas redações e exercícios dos alunos de 7ª/8ª séries, em atividades de História e Língua Portuguesa;
 PYT M- KAXÊRE e HISTÓRIAS DO SOL E DA LUA Mito de origem do mundo, relatado por Krôhokrenh#m;
 HÔPRY KRÃ e UMA ESTADA NO MATO Relatos de Krôhokrenh#m, especialmente para este livro;
 RÀR, AIKREPOTI (em parkatêjê), KROWA, APR& KRÃ Textos produzidos pelo professor Jãthiati (Piare), para explicar as seqüências de fotos;
 A VIDA DA MENINA PARKATÊJÊ Texto produzido por Jôhopo e Ronore, coletado pelo professor Irizan Silva/1996.

